



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS –  
CAMPUS IV GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

---

**DAIANE LIMA DE OLIVEIRA DALTRO**

**LUGAR, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO  
DA COOPERATIVA RECICLA NO MUNICÍPIO DE JACOBINA-BA.**

Jacobina-BA  
2017

**DAIANE LIMA DE OLIVEIRA DALTRO**

**LUGAR, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO  
DA COOPERATIVA RECICLA NO MUNICÍPIO DE JACOBINA-BA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IV, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Jamille da Silva Lima.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**LUGAR, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DA  
COOPERATIVA RECICLA NO MUNICÍPIO DE JACOBINA-BA.**

**DAIANE LIMA DE OLIVEIRA DALTRO**

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Ms. Jamille da Silva Lima**

Mestre em Geografia

Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Brasil.

---

**Ms. Jacy Bandeira Almeida Nunes**

Mestre em Educação e Contemporaneidade

Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Brasil.

---

**Ms. Joseane Gomes de Araújo**

Mestre em Geografia

Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Brasil.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente a Deus, por me conceder sabedoria, graça e saúde.

Aos meus familiares por me apoiarem nessa longa jornada.

A todos os professores e colegas que trilharam juntamente comigo esses quatro anos.

Finalmente, agradeço a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Jamille da S. Lima, por ter me aceitado como sua orientanda, pela sua paciência, compreensão e ajuda.

**“O capitalista ri das tuas greves. Mas no dia em que envolveres teus pés com velhos trapos, em vez de comprar sapatos e meias, seus orgulhosos membros tremerão de medo”. (Marut e Traven, 2000, p.126).**

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a relação existente entre o lugar e a dinâmica político-econômica da Cooperativa Recicla Jacobina. Esta cooperativa foi fundada no ano de 2012, após o fechamento do lixão no município de Jacobina - Bahia, devido a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que instituiu obrigatoriedade da substituição dos lixões a céu aberto por aterros sanitários como medida de proteção ambiental. Nesse contexto, os catadores autônomos, que encontravam-se em situação de extrema precariedade social, aglutinaram esforços a procura de outras alternativas para trabalhar, o que resultou na criação da Cooperativa Recicla Jacobina. Esta pesquisa se desenvolveu a partir de uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, a qual foi realizada por meio da observação sistemática das ações promovidas pela cooperativa investigada durante o ano de 2016 até meados de 2017, bem como por meio da realização de entrevistas com os técnicos, direção da cooperativa e com os demais cooperados. Este estudo permitiu compreender a relação entre o lugar, base da re-produção da vida, e a Cooperativa Recicla Jacobina, pois mesmo a partir da alteridade com/no lugar, criou-se uma teia de relações que sustentam a vida, tanto do indivíduo, quanto do coletivo dos cooperados. A cooperativa ganha novos contornos através da dinamicidade do lugar, mas também alimenta e redefine o próprio sentido do lugar.

**Palavras-chaves:** Lugar; Cooperativismo; Emancipação político-econômica.

## ABSTRACT

This research aims to understand the relation between place and the political-economic dynamics of the Cooperative “Recicla Jacobina”. This cooperative was founded in 2012, after the closure of a dump in the municipality of Jacobina - Bahia, Brazil, due of the establishment of the National Solid Waste Policy, which obligated the replacement of all open-air dumps with sanitary landfills as a measure of environmental protection. In that context, autonomous waste pickers, who live in extreme social deprivation, joined forces in search of other alternatives of work, which resulted in the creation of the Cooperative. This research is based on bibliographical, documental and field research, which was carried out through the systematic observation of actions promoted by the cooperative between 2016 and 2017, as well as through interviews with technicians and managers of the cooperative and its members. This study allowed to understand the relation between place as basis of the re-production of life, and the Cooperative “Recicla Jacobina”, because even from the alterity within the place, it created a web of relations that sustains life, both of the Individuals and of the collective of cooperative members. The cooperative changes through the dynamism of the place, but also nourishes and redefines the sense of place itself.

**Keywords:** Place; Cooperativism; Political-economic Emancipation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Lixão de Jacobina.....	17
Figura 02	Catadores trazendo material que foi encontrado no lixão.....	18
Figura 03	Galpão doado a cooperativa.....	23
Figura 04	Ampliação do galpão da Cooperativa Recicla Jacobina.....	27
Figura 05	Eco Ponto do bairro Jacobina I.....	28
Figura 06	Carrinho elétrico.....	29
Figura 07	Percurso dos eco pontos ao galpão da cooperativa.....	29
Figura 08	Esquema do Ciclo de Produção da Cooperativa.....	30
Figura 09	Organograma da Administração da Cooperativa Recicla Jacobina.....	31
Figura 10	Aterro Sanitário da cidade de Jacobina.....	43
Figura 11	Máquina de prensagem e fardo já prensado.....	53

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 Coleta feita nos Ecopontos pelo caminhão para levar ao galpão.....28

## **LISTA DE SIGLAS**

EPI	Equipamento de Proteção Individual
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
ONG	Organização Não-Governamental
PANGEA	Centro de Estudos Socioambientais
PET	Polietileno Tereftalato
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
SESOL	Superintendência de Economia Solidária
SETRE	Secretária do Trabalho Emprego Renda e Esporte
SUDIC	Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1 COOPERATIVA RECICLA JACOBINA .....</b>	<b>15</b>
1.1 A construção social do lugar: Antes da fundação da Cooperativa.....	15
1.2 Fundação da Cooperativa Recicla Jacobina.....	19
1.3 A atuação e os princípios da Cooperativa Recicla Jacobina.....	27
<b>2 PRODUZIR E VIVER: AS CONFLITUALIDADES DO COTIDIANO DA COOPERATIVA RECICLA JACOBINA.....</b>	<b>36</b>
2.1 A cidade de Jacobina: um lugar de oportunidades desiguais.....	36
2.2 O produzir e o viver pelos preceitos do cooperativismo.....	39
2.3 Cooperativa Recicla Jacobina: o viver e o produzir dos cooperados.....	41
2.4 Conflitualidades e peculiaridades no agir, pensar, viver e trabalhar dos cooperados.....	45
<b>3 EMANCIPAÇÃO POLÍTICO-ECONÔMICA: DA PALPERIZAÇÃO DA VIDA A DIGNIDADE SOCIAL.....</b>	<b>55</b>
3.1 O reconhecimento da importância do trabalho do catador: um caminho a sua emancipação.....	55
3.2 Cooperativa Recicla Jacobina: emancipação dos seus cooperados.....	57
3.3 Autogestão um fator importante para a emancipação dos cooperados.....	64
3.4 A construção de um novo sentido ao lugar para os cooperados a partir da Cooperativa Recicla Jacobina.....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>80</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No lugar se concretiza o processo de construção do espaço e também de reprodução da vida, ou seja, nele dá-se a realização concreta da materialidade da história do homem.

As atividades que se desenvolvem no seio de um lugar, produzindo e transformando através deste processo de produção constitui o cotidiano onde se realizam simultaneamente a relação local-mundial, produto de uma multiplicidade da qual a globalização é o dirigente predominador deste evento. Entretanto não ocorre uma homogeneização de maneira total nesses espaços, sucedendo desta forma a existência das singularidades e diferenças.

O lugar é constituído pela relação do processo de produção e ao mesmo tempo de atuação da produção da vida humana, nessa correlação entre o uso do espaço e a construção social da história, o local e o mundial se relacionam em sua totalidade sem deixar de lado suas particularidades. Conseqüentemente, o lugar se materializa na concretude da realidade das relações do uso e do vivido no espaço-tempo. De acordo com Carlos (2007b), as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação espaço-tempo, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar. Assim, a reprodução de relações sociais materializa-se em um espaço apropriado para este fim, e a vida, no plano do cotidiano do habitante, constitui-se no lugar produzido para esta finalidade e é nesta medida que o lugar da vida constitui uma identidade habitante-lugar.

Mesmo sendo parte integrante desta globalização, o lugar nos concede a oportunidade de ter experiências vivenciadas apenas localmente, pois a globalização é um processo paradoxal e fragmentador da sociedade criando nela uma diversidade de possibilidades e também perversidades sociais, essa que se dar por meio da exclusão social, política e econômica do indivíduo. Desta maneira apresentando-se a globalização pelo desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional tendenciosamente a homogeneização das sociedades, entretanto, descortinando-se por meio do lugar, diferentes realidades de reprodução e em diferentes níveis, desse jeito em sua concretude organiza-se entre a realidade do lugar variadas maneiras de se dar e/ou acontecer, tendo desta forma essa construção baseadas nas especificidades do homem e do lugar, dando então de maneiras diferenciadas as singularidades.

Os lugares são peculiares, devido as relações sociais, políticas e econômicas, embora sofram influências de uma ordem global, potencializada pelo chamado período técnico-científico-informacional a que se refere Santos (2014a). Segundo o autor, os lugares podem ser definidos por sua densidade técnica, informacional e comunicacional. Nesse sentido, percebemos a ação da globalização no lugar, pois uma vez que ela não homogeneiza mais sim a desintegra, sobressaindo suas fragilidades e particularidades principalmente com relação à economia ocasionando uma desigualdade exorbitante entre as sociedades. Desta maneira, perante a desigualdade social, a sociedade busca outros tipos de alternativas, principalmente quando está relacionada ao trabalho, ocorrendo assim a introdução do cooperativismo nas atividades econômicas na maioria dos lugares, gerando para os indivíduos que as compõem, renda e um diferenciado desenvolvimento social. Desta forma, a um grande avanço dos empreendimentos econômicos solidários na atualidade acrescidos pelas crises financeiras, diferenciando-se em cada lugar, devidos suas peculiaridades.

Lembrando que há uma divergência entre os lugares, principalmente relacionados às novas tecnologias, pois “o novo não chega a todos os lugares ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Ou seja, o novo ao chegar num determinado lugar não é absolutamente novo. Isso reforça, também, a resistência do velho à chegada do novo” (MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p.53). Entre a resistência e a demora de se estabelecer em cada lugar as discrepâncias só aumentam, pois essa relutância acontece por que o novo causa dúvida/insegurança de sua conveniência e algumas vezes rejeições por ser desconhecido.

Então, é em meio a essas desigualdades sociais, que se estabelecem as discrepâncias em qualquer lugar/território, que são cada vez mais visíveis perante as crises que sobrevêm espacialmente e temporalmente sobre a humanidade. Apresentando-se desta maneira a imprescindibilidade de se pesquisar as relações que se dão a partir do lugar, demarcando deste modo a construção da história dos seres humanos, na sua produção da existência e na produção político-econômica, buscando desse modo compreender a relação habitante-lugar, fundamentado no seguinte problema: Como se dar as relações entre os catadores e o lugar na dinâmica político-econômica da Cooperativa Recicla Jacobina?

Nesse sentido, motivamo-nos a buscar compreender a relação entre escalas, especialmente manifestas através do lugar, a partir da problematização da relação

entre os catadores de materiais recicláveis e o lugar na dinâmica político-econômica da Cooperativa Recicla Jacobina. Surgiram desta forma, as seguintes questões: quais são as ações existentes na Cooperativa Recicla Jacobina que influenciam na ascensão político-econômica dos cooperados? Quais são as influências do lugar sobre cooperativa e os seus cooperados? Os princípios da economia solidária regem as normas internas da Cooperativa Recicla Jacobina? Como se dar o processo político-econômico em função da emancipação dos cooperados?

Esta pesquisa tem por objetivo central compreender a relação existente entre o lugar e a dinâmica político-econômica da Cooperativa Recicla Jacobina. Nesse percurso, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: a) Investigar o surgimento, princípios e atuação da Cooperativa Recicla Jacobina no município de Jacobina, para que assim possamos conhecer a construção de sua história e a ação do lugar sobre sua formação. Deste modo será explanado como se deu a iniciativa de criar essa cooperativa, os princípios que permeiam suas normas e/ou leis cotidianas e sua atuação no município de Jacobina. b) Refletir sobre os conflitos entre o ato de produzir e viver dos cooperados de acordo com o lugar e as formas de regulação ligadas a outras instâncias da produção, pois a constantemente ações influenciadoras, sejam elas locais ou universais, na qual interfere nesta regularização da produção, distribuição e consumo, sejam ela de teor econômico capitalista ou solidário. c) Investigar o papel da Cooperativa Recicla Jacobina na emancipação político-econômica dos cooperados, visto que a partir do momento que o indivíduo se emancipa politicamente e economicamente, poderá agir como o ator central de sua história, pois ele participará das decisões referentes à sociedade que a compõe. Em vista disso, será investigado de que forma essa cooperativa procede para a emancipação de cada cooperado.

O método de abordagem será o materialismo histórico dialético, em que a realidade é atravessada por contradições que requerem a sua superação para que ela esteja sempre em devir, ou seja, para o estudo de um fenômeno ocorrido em uma sociedade leva-se em conta a sua materialidade, que são as condições materiais de existência e/ou suas relações sociais de produção, a sua historicidade que se baseia na produção de sua existência, pois a sociedade e a política não surgem da ação da natureza, mais da ação concreta dos seres humanos no tempo-espaço e a dialética que se baseia em suas contradições entre os meios de produção que está baseado nas formas de propriedade, nas forças produtivas, no

trabalho, nos seus instrumentos e nas técnicas. A escolha desse método no âmbito dessa pesquisa é devido às divergências existente entre o capitalismo e a economia solidária, seus embates e suas contradições perante o lugar em que atua.

Do ponto de vista de sua natureza, essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa básica, pois as gnosés apreendidas são para o avanço do conhecimento sem ter previsão para a utilização prática, envolvendo assim neste estudo interesses locais e globais. Classificando, pois, como exploratória que visa compreender o processo de organização do espaço geográfico pelo seu uso no ato da produção material e a reprodução da vida. Enquanto procedimento, este trabalho realizou-se por meio de pesquisa bibliográfica, de campo e documental (análise gravimétrica, registro de abertura, atas de reuniões, contratos, estatuto social, planos de ação da Cooperativa Recicla Jacobina).

A pesquisa de campo, por sua vez, foi desenvolvida por meio da observação sistemática das ações realizadas pela cooperativa investigada durante o ano de 2016 até meados de 2017, bem como por meio da realização de entrevistas com os técnicos, direção da cooperativa e com todos os cooperados (29 membros, mais os técnicos). As questões foram apresentadas de forma diretas e indiretas, objetivas e subjetivas (apêndice). Estamos chamando de entrevista direta, quando na realização desta - entrevistado e entrevistador - estiveram frente a frente e de entrevista indireta, quando esta aconteceu mediada através do uso da internet.

É de extrema importância entender as relações que se dá entre o lugar e os catadores da Cooperativa Recicla Jacobina, apreendendo desta maneira a relevância das relações na construção social, as quais se dão entre si no processo da produção econômica e na reprodução da vida, percebendo deste modo à ligação que existe entre o indivíduo e o lugar na construção da história de cada ser humano e na concepção e estruturação do lugar.

Este trabalho está estruturado em cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda seção, logo a seguir, consiste na história da Cooperativa Recicla Jacobina. As conflitualidades do cotidiano entre o ato de produzir e viver dos cooperados Recicla de acordo com o lugar, explicitada na terceira parte, para que, na seção subsequente, apresente-se o papel da Cooperativa Recicla Jacobina na emancipação político-econômica dos cooperados. Na última seção, fazemos as considerações finais e indicamos algumas possibilidades de futuros desdobramentos da pesquisa.

## **1 COOPERATIVA RECICLA JACOBINA**

### **1.1 A construção social do lugar: antes da fundação da Cooperativa**

As relações sociais, política e econômicas que o ser humano estabelece entre si e com os lugares, vem a construir e a organizar o processo histórico da produção e também reprodução da sua vida, as suas ações determinam as transformações do meio com relação ao espaço e tempo, acontecendo dessa forma no lugar as raízes dos ocorridos da humanidade. Logo, nestas ações do homem com o espaço em sua relação dialética, torna pois o lugar um espaço demarcado por sua existência vivida, compreendendo pois suas relações sociais à luz das relações da produção.

Pensar a respeito do homem, sobre a ocupação do espaço, implica em pensar o homem por inteiro levando pois em conta sua dimensão humana e socioespacial, visualizando suas possibilidades de resistir e intervir no mundo e pelo mundo por meio do lugar. Em vista disso, está incluso a relação do espaço-tempo, pois a dimensão histórica da prática do cotidiano está diretamente ligada a vinculação do homem com o lugar, e as relações que ele estabelece com os demais em prol da organização e produção da vida.

O município de Jacobina apresenta-se em seu contexto histórico distintas possibilidades em sua construção social. Distintos atores, tais como índigenas Payayás, os garimpeiros, os agricultores, os latifundiários, os comerciantes, os mineradores entre outros, participaram e participam da produção da vida neste lugar. Mesmo sendo pertencente a uma ordem global, o município de Jacobina não deixa de ter as suas particularidades provenientes da formação do lugar constituídas pelas pessoas que aqui habitam. Então é através das diversidades e oportunidades encontrada em cada lugar, que o indivíduo se transforma e transforma também o lugar em que vive em prol de seu beneficiamento, para que assim possa sobreviver dignamente. Desta forma, percebemos a atuação das pessoas no espaço-tempo para construir suas histórias diante de tantos conflitos que as emergem cotidianamente.

Nesta produção da vida, alguns indivíduos do município de Jacobina-Bahia, se submetem ao extremo, sujeitando-se a trabalhar no lixão, uma das mais nociva e inapropriada prática econômica, pois o trabalhador fica vulnerável as intempéries climáticas, aos odores horríveis e não dispõem de condições mínimas necessárias

para realizar tal tarefa, como por exemplo, segurança, água potável para beber, banheiro entre outros, sendo pois a última opção para sobreviverem, porque se não fossem trabalhar lá iriam passar fome, além de outras privações sociais e humanas. Então, é através desse lugar, que eles enxergam a oportunidade de viver e construir a sua história, mesmo sendo um dos ambientes de trabalho mais insalubres e indignos das atividades econômicas humanas.

Segundo o relato de algumas pessoas que trabalhavam no lixão como catadores autônomos e que hoje em dia fazem parte da cooperativa, dizem que era uma situação quase insurpotável, pois além da dificuldade de fazer a catação do material que vinha tudo misturado, tinha o mau cheiro que exalava dos animais mortos que jogavam lá dentro, no qual aumentava proporcionalmente os maus odores, ocorrendo assim de muitos passarem mal e desmaiar, e acidentalmente sofrerem cortes com resíduos perfurantes encontrados misturados aos materiais recicláveis no lixo. Era uma situação de calamidade social, no qual se encontravam esses catadores conforme vemos na figura 01 e 02. Contudo era do lixo que eles sobreviviam, tendo que se subordinar a todas aquelas situações para poder viver. Desta forma, é no lugar como espaço da reprodução da vida que as pessoas constroem suas histórias, sejam elas de lutas e vitórias, sofrimento e alegrias, seja um lugar de trabalho e/ou lazer é nesse determinado espaço que lhe é ofertada as opções de como agir e reagir para sobreviverem. Por isso, a ligação do lugar e do ser humano é uma relação íntima e predominante na construção de sua história.

**Figura 01.** Lixão de Jacobina



**Fonte:** Vilaronga, 2012.

**Figura 02.** Catadores trazendo material que foi encontrado no lixão.



**Fonte:** Vilaronga, 2012.

Nesta luta diária de fazer a catação no lixão, muitos se feriam, passavam mal, havendo até mesmo um caso de óbito no lixão de Jacobina, de acordo com o membro da cooperativa C2 (2017) devido às privações que passavam principalmente alimentares, os catadores às vezes comiam e bebiam dos restos que encontravam, ocorrendo assim, de um catador ter encontrado um líquido armazenado em uma garrafa de Polietileno tereftalato (PET), e veio a ingeri-lo. Porém tratava-se de um líquido venenoso, acontecendo deste modo a sua morte. Diante desses fatos percebemos o quanto miserável era a situação dessas pessoas que trabalhavam diariamente no lixão.

Antes da Cooperativa os catadores trabalhavam e comercializavam individualmente os materiais coletados no lixão, sem a utilização de equipamento de proteção individual (EPI's), estando expostos a diversos perigos, catavam somente aquilo que era mais rentável, como por exemplo o cobre e as garrafas PET, com horários indefinidos. Através dessa prática de trabalho individual, havia também diversos conflitos de relacionamento, uma vez que, eles não trabalhavam coletivamente, a competição se acirrava a cada momento que chegava uma caçamba para despejar o lixo recolhido da cidade. Cada caçamba ou caminhão que chegava ao lixão para descarregar o material coletado da cidade ou dos povoados, um catador se apropriava daquele montante e não deixava outros realizarem a catação naquele local, o qual ele dizia que o pertencia, gerando assim

grandes conflitos por causa da competição de quem catava mais e o melhor material para a vendagem. Visto que, mesmo estando fora do mercado de trabalho, esses catadores tinham os ideais capitalistas internalizados em sua vida cotidiana e na prática de seu trabalho.

O sistema capitalista oprime e neste caso, ratifica a degradação do ser humano. Ele está baseado em uma economia de mercado altamente competitiva e degradante seja no âmbito social ou ambiental. Deste modo, há constantemente a degradação da sociedade por esse dinamismo de competição e acumulação de capital, ocasionando desta forma disparates socioeconômicos em todos os espaços em que o sistema capitalista é vigente, assim Santos (2012, p. 39), defende que é necessário “revalorizar o trabalho e revalorizar o próprio homem, para que ele não seja mais tratado como valor de troca”.

Nessa demanda para ter o mínimo de lucro para sobreviver, os próprios catadores colocavam em riscos as suas vidas, conforme o membro da cooperativa C3 (2017), eles ateavam fogo no lixo para que pudessem fazer a catação do material durante a noite, sendo que a noite é o horário de maior despejo de lixo coletado na cidade. O fogo era necessário para dar melhor visibilidade ao local, já que no lixão não havia iluminação elétrica. Desse jeito, essa prática prejudicava a saúde dos mesmos, potencializando a inalação de gases tóxicos.

Vemos o quanto deprimente é a situação a qual se expõe os indivíduos para possuírem uma pequena renda financeira. Ainda assim esses catadores eram vistos pelos compradores de materiais recicláveis, sem nenhum respeito ou consideração pelo trabalho laborioso que exerciam, pois, compravam a mercadoria à baixo do valor regulado pelo mercado financeiro, como por exemplo, de acordo com o membro da cooperativa C1 (2017) o papelão era vendido em média a sete centavos e a garrafa PET a quarenta centavos. Além disso, eles não compravam de todos, somente o material daqueles no qual lhe daria maior lucro quando fosse vender para as empresas de outras regiões de grande porte, o que ajuda-nos a entender a luta entre os catadores para coletar os “melhores” materiais.

Destarte, constatamos como os trabalhadores e trabalhadoras foram oprimidos pela estrutura capitalista, pois o sistema tornavam cada vez mais difícil para aqueles que trabalhavam e viviam do lixo, visto que por trás de toda essa miséria para quem trabalhava no lixão, havia uma grande lucratividade para aqueles que compravam o material reciclável.

A miséria dos catadores também se manifestava em suas moradias. Antes da implantação da cooperativa os catadores residiam na área do lixão da cidade em barracos feitos com os materiais do próprio lixão, e outros residiam em casas próprias ou alugadas em bairros afastados do centro, como Jacobina III e IV, Catuaba, Velame, Malhadinha, Ladeira Vermelha. Entretanto como trabalhavam também a noite, pois consideravam o melhor período para fazer a catação, pois era a hora que chegava mais material reciclável, devido ser referente a coleta geral feita em todas as ruas da cidade, ressaltando que já tinham trabalhado durante o dia todo, os que tinham casas acabavam por fazer barracos no lixão para tomar conta de seus materiais, e só iam para suas casas quando vendiam o material reciclável, pois muitas vezes, pessoas da cidade iam colocar fogo no material coletado, simplesmente por maldade, relatou o membro da cooperativa C2 (2017).

Desta forma, percebemos o quanto as condições sociais desses catadores eram degradantes, advindo as melhorias a partir do momento da instalação da cooperativa, pois esses indivíduos ganharam uma nova visibilidade perante a sociedade, apesar dos estereótipos. De acordo com o técnico da cooperativa em sua formação inicial, alguns dos catadores que queriam adentrar a cooperativa não possuíam nem mesmo documentação, sendo inicialmente feita essa regularização, fazendo com que todos que não tivessem os documentos pessoais fossem fazer, a partir do momento que decidiram fazer parte da Cooperativa Recicla Jacobina. Destarte, a cooperativa possibilitou a esses cooperados uma nova forma de trabalhar e viver, delineando dessa maneira um novo formato ao lugar.

## **1.2 Fundação da Cooperativa Recicla Jacobina**

A Lei nº 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), fundamenta a obrigatoriedade da substituição dos lixões a céu aberto por aterros sanitários como medida de proteção ambiental. Neste sentido, a cidade de Jacobina dentre outras, teve que se adequar a essa lei construindo um aterro sanitário, pois os depósitos de lixo a céu aberto, em solo despido, sem isolamento ou controle da entrada de pessoas e animais, e destituído de quaisquer mecanismos para evitar a poluição ambiental provocada pela decomposição e lixiviação dos resíduos sólidos não poderiam mais persistir. Essa lei implicou em mudança tanto

ambiental como social, principalmente nas vidas dos catadores que sobreviviam desse lixão.

Diante do fechamento do lixão do município de Jacobina no ano de 2012, cerca de 30 a 60 catadores ficaram sem a atividade de catação realizada dentro do lixão. Com o objetivo de minimizar os grandes transtornos ocasionados pelo fechamento do lixão a prefeitura municipal inseriu alguns catadores na limpeza urbana do município, como auxiliar de serviços gerais, atuando na varrição das ruas, havendo nestas mudanças novas perspectivas de melhoria de vida para essas pessoas, as quais ganharam um trabalho fixo. Deste modo, novos rumos se tomaram no processo de reprodução e/ou construção de sua história e também do lugar, uma vez que, há uma interligação profunda entre o acontecer da história de um lugar e de seus indivíduos.

Contudo, a prefeitura não teve ou afirmou não ter a viabilidade de empregar a todas as pessoas que trabalhavam no lixão, deste modo os catadores ficaram atônitos a procura de outras alternativas para trabalhar. Esses catadores que foram mais uma vez excluídos, pois já se encontravam em situação de extrema precariedade social, e que ainda foram desprovidas dessa condição ao serem expulsos do lixão, encontram uma nova maneira para seus problemas econômicos, o qual seria a formação de uma cooperativa.

Mediante esses fatos apresentados sobre a situação desses catadores no município de Jacobina, de acordo com o atual técnico da cooperativa, a Cooperativa Recicla Jacobina surgiu a partir do Convênio entre Secretária de Trabalho Emprego Renda e Esporte (SETRE) do governo da Bahia, o Centro de Estudos Socioambientais (PANGEA) e os catadores de materiais recicláveis, acontecendo deste modo a implantação do projeto de inclusão social e geração de trabalho e renda através da formação e incubação da cooperativa de catadores do município de Jacobina-Bahia.

Portanto, os catadores que antes trabalhavam no lixão, conjuntamente com o apoio dos órgãos públicos e de Organização Não-Governamental (ONG), fundaram a Cooperativa Recicla Jacobina. Em 28 de setembro de 2012, o projeto dessa cooperativa se consolidou a partir de uma parceria com o município e governo do estado, ou seja, tendo em vista atender a Lei 12.305 de 2010 da PNRS, foi firmado um convênio entre Centro de Estudos Socioambientais (PANGEA), a Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial (SUDIC) e a Secretária

do Trabalho Emprego Renda e Esporte (SETRE), por meio da Superintendência de Economia Solidária (SESOL) juntamente em parceria com a Prefeitura Municipal de Jacobina para a realização do projeto Recicla Jacobina, desse modo envolvendo-se plenamente os catadores para que esse projeto viesse a se consolidar e perdurar.

Com esse apoio do governo, da ONG Pangea, da prefeitura e dos catadores, foi implantado o projeto incubação da Cooperativa Recicla Jacobina, tendo em sua formação inicial vinte cooperados. Com duração de 2012 a 2014 este período de incubação prévia-se a aquisição de equipamentos e o apoio técnico para uma melhor execução em seus processos de produção.

Deste maneira, constituída de acordo com a lei a cooperativa tem por razão social: Cooperativa de Catadores Recicla Jacobina, localizada na Rod. Ba 131, S/N, Km 05, Bairro da Catuaba, Jacobina-Bahia. De acordo com o atual técnico da cooperativa, esta traz como um dos principais objetivos legalizar, capacitar e promover a incubação de empreendimento social solidário voltado para organização de cooperativa de catadores de materiais recicláveis, diagnosticando o mercado e as suas potencialidades e entraves deste setor de atividades, promovendo a assistência técnica especializada ao empreendimento nas áreas de gestão e logística, fomentando a estruturação e organização da cooperativa.

Segundo a Lei nº 5.764/71, Art.º6 parágrafo I que ressalva a respeito da constituição de cooperativas, diz que, constituídas pelo número mínimo de 20 (vinte) pessoas físicas, sendo excepcionalmente permitida a admissão de pessoas jurídicas que tenham por objeto as mesmas ou correlatas atividades econômicas das pessoas físicas. Conseqüentemente, na Cooperativa Recicla Jacobina se reuniram vinte cooperados, no qual para começarem com a cooperativa disponibilizaram cada um dos cooperados uma quota de duzentos reais, verificando assim o capital inicial da Cooperativa Recicla Jacobina foi de quatro mil reais.

Durante os 24 meses de formação e incubação da Cooperativa Recicla Jacobina, ocorreu legalmente a ocupação do galpão, ao qual pertencia ao projeto Indústria Cidadã da Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial (SUDIC) (Figura 03), pois não estava sendo utilizado, uma vez que, esse projeto Indústria Cidadã tem por objetivo a melhoria da qualidade de vida da população dos municípios beneficiados, através da valorização da mão-de-obra local, gerando novas oportunidades de trabalho e geração de renda, garantindo ao cidadão a permanência na sua cidade, evitando, a migração para os grandes centros urbanos.

Desse modo, em consonância a análise do contrato, foi feito um comodato entre SUDIC e a cooperativa para a apropriação deste galpão pelo período de 10 anos. Conseqüentemente a esta aquisição a cooperativa ingressava no desenvolvimento de seu empreendimento tendo então um local para a aplicação do trabalho de separação e para guardar todo o material reciclável coletado.

**Figura 03.** Galpão doado a cooperativa



**Fonte:** Vilaronga, 2012.

Essa cooperativa veio a solucionar parcialmente os problemas sociais e econômicos no qual vinha passando esses catadores que se deparavam-se excluídos da sociedade. Sobre a questão de resolver estes problemas sociais, Singer (1999) diz que, para resolver o problema do desemprego é necessário oferecer à massa dos socialmente excluídos uma oportunidade real de se reinserir na economia por sua própria iniciativa. Dessa maneira, esse projeto foi uma oportunidade de mudança real para todos aqueles catadores, que tinham agora a possibilidade de se reinserirem na sociedade, através dessa cooperativa, na qual lhes davam a oportunidade de melhores condições de vida.

Sobre a reintrodução dos indivíduos por meio de cooperativas, Singer (1999, p.122), nos fala que, “uma maneira de criar o novo setor de inserção produtiva é fundar uma cooperativa de produção e de consumo, à qual se associarão a massa dos sem-trabalho e dos que sobrevivem precariamente com o trabalho incerto”. O autor sugere solucionar o problema dos desempregados e excluídos da sociedade através da formação de cooperativas e foi realmente isso que veio a acontecer com as pessoas que trabalhavam no lixão de Jacobina. Dessa maneira, a cooperativa era

a nova oportunidade para aquelas pessoas que tiveram em suas vidas poucas chances de ascensão econômica, pois as poucas vezes que trabalharam antes de ir para o lixão foi como “empregado” doméstico sob condições informais, ou o trabalho na zona rural.

A Cooperativa Recicla Jacobina tornou-se uma possibilidade para esses indivíduos ter um trabalho fixo, pois o trabalho como uma atividade profissional remunerada é almejada e desejada pela maioria dos indivíduos que esteja integrado no sistema econômico deste mundo regulado pelo mercado capitalista, sendo que para sobreviver neste mundo onde a sociedade prioriza mais o ter do que o ser, faz-se necessário na maioria das vezes possuímos dinheiro para comprar alguns bens indispensáveis para sobrevivência humana, como uma casa, alimentos, entre outros. Deste jeito é imprescindível ter dinheiro para comprá-los, sendo imposto desta maneira o ato de trabalhar para sobreviver, pois o homem tem necessidades, e para satisfazê-la sobrevêm à produção de bens materiais, advindo assim o trabalho a grande maioria da população.

A remuneração estável, ou seja, o valor em dinheiro que se recebe pelo trabalho realizado, é uma segurança ao trabalhador, visto que, significa uma estabilidade econômica, não havendo-a é uma frustração para o indivíduo. No entanto, algumas vezes a ociosidade produzida pela ausência de emprego para algumas pessoas, torna um motor gerador de desenvolvimento para novas possibilidades, concebendo hodiernas alternativas obtendo desta forma uma renda regular. Em vista disso, vem emergindo em meios a esses conflitos sociais e econômicos novas maneiras de ganhar dinheiro de forma sustentável e coletiva, sendo a Cooperativa Recicla Jacobina um bom exemplo a ser observado.

Inicialmente a cooperativa teve muitas dificuldades, sobretudo em relação as normas legais do cooperativismo e funcionamento contábil de uma cooperativa, pois os catadores desconheciam o funcionamento de uma cooperativa sobre os princípios regulados pelo cooperativismo assim também as partes burocráticas das leis e da contabilidade que perpassa uma cooperativa.

A Cooperativa Recicla Jacobina tem seu regimento baseado nos princípios do cooperativismo. Com relação ao cooperativismo Frantz (2012, p.12), fala que, “na modernidade, o cooperativismo é edificado como um lugar de reconstrução das condições de vida, tendo na economia humana o seu fundamento”. Desta forma, é através dessa economia humana que essas pessoas as quais se viram

abandonadas pelo poder público e rejeitadas pelo mercado de trabalho tiveram uma nova opção de trabalho e de melhoras sociais em sua vida, experienciando agora novas relações com o lugar e com o modo de produção, dando novos rumos a configuração de sua história, pois de acordo com Frantz (2012) o cooperativismo se fundamenta, no humanismo, valorização do homem pelo que ele é e não pelo que ele tem, na solidariedade, um por todos e todos por um, na justiça social, a cada um conforme a sua participação, na liberdade, autodeterminação do ser, inclusive para a cooperação, na democracia, cada pessoa um voto e decisão pela maioria, na participação, uma exigência da vida cooperativa. Todos são donos, tendo a responsabilidade de responder pelas decisões e acompanhar a vida da cooperativa.

Entretanto, conforme os membros da cooperativa C4 e C5 (2017), relataram que essas normas cooperativistas, foi motivo para muitos catadores não querem fazer parte da cooperativa abandonando a catação; havendo também outros contratempos relacionado aos equipamentos e a separação inadequada dos materiais recicláveis, pois inicialmente não possuem equipamentos que lhes viessem a ajudar na produção, e também como estavam acostumados a fazer antes a coleta do material aleatoriamente demorou um pouco para se acostumarem a separar os materiais por cor, por apresentarem a mesma estrutura, proporcionando baixas quantias, devido a redução da quantidade de materiais separados para a vendagem, aconteceu também frequentes desentendimentos internamente e além de tudo isso havia muito desinteresse da população jacobinense em ajudar na separação do material para coleta. Deste modo, é desde o princípio que houve e ainda há grandes obstáculos a serem superados por essa cooperativa, principalmente pela aceitação e contribuição da sociedade.

A nova opção de trabalho implica vários fatores contraditórios ao que a sociedade considera um trabalho digno e honrado, pois pelos padrões estabelecidos constantemente pela sociedade solável, segundo suas ideologias, listando o que deve ou não uma pessoa se submeter com relação ao trabalho, intitulado esse trabalho de catação como um trabalho sujo e indigno, não olhando portanto, que o mundo concebe várias possibilidades, entretanto vai de acordo com as oportunidades ofertadas pelo lugar a comandar de certa forma as decisões dos indivíduos, sendo condicionado por vários fatores como político, econômico, social e cultural essas ocasiões, pois segundo Santos (2014a) o mundo oferece as possibilidades, e o lugar oferece as ocasiões. As pessoas que habitam um mesmo

lugar, não têm a mesma acessibilidade e/ou oportunidades, ocasionando desta forma essa desigualdade social.

Desta maneira, diante destes problemas cotidianos quer seja da produção econômica ou da existência, ser catador vai além da necessidade de ganho, é aquele que ver na produção de sua existência a superação da miséria, vendo no lixo uma possibilidade de vencer na vida, por meio da coletividade.

A respeito de catadores Paul Singer fala,

O caso dos catadores de lixo, merece uma menção especial devido ao seu significado social. Recolher material reciclável entre os dejetos é o meio de vida que resta ao que a exclusão social degradou ao máximo. Eles não têm outras alternativas a não ser, talvez, atividades criminosas e a mendicância. Uma grande parte dos que moram na rua ou em lixões se dedica a catar material reciclável. Sendo extremamente pobres, são explorados pelos sucateiros, que lhes adiantam dinheiro para poderem subsistir em troca da entrega de material coletado a preços vis. A única defesa é a união que faz a força: a cooperativa. A cooperativa possibilita compras em comum a preços menores e vendas em comum a preços maiores. Sendo entidade econômica e política a cooperativa representa os catadores perante o poder público e dele reivindica espaço protegido para armazenar e separar o material recolhido e financiamento para processar parte do material separado agregando-lhes valor. A cooperativa é uma oportunidade de resgate a dignidade humana do catador e de desenvolvimento da auto-ajuda e da ajuda mútua, que permite constituir a comunidade dos catadores. (SINGER, 2002, p.89)

Através da cooperativa os catadores de material reciclável podem construir uma nova realidade, no qual a coletividade é primordial, pois ajudará a combater as diferenças e/ou exclusão social, tornando-os indivíduos políticos atuantes na realidade do lugar. Os catadores de Jacobina viram a oportunidade de mudança de vida ofertada pela cooperativa, na qual esta união favorecia sua sobrevivência, apreendendo pela dimensão política que o cooperativismo seria uma nova ideologia que daria novos rumos as suas vidas.

O lugar construído por essas pessoas que antes da cooperativa era de extrema conflituosidade tanto da vivência como da produção material. As relações estabelecidas por esses indivíduos eram de intensa rivalidade, regido pela disputa e individualidade, é agora modificado pela introdução dos princípios cooperativistas em suas vidas e na produção diária desta cooperativa no município de Jacobina. Neste mesmo lugar que acontecia várias disputas é nos dias de hoje um lugar de reprodução das vidas e de produção econômica totalmente modificado, pois novas construções sociais, político e econômico se dar neste lugar atualmente, assim

como nos diz Carlos (2007a), o lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos. Nesse sentido, o estabelecimento da cooperativa produziu um novo lugar, através desse novo empreendimento os catadores projetaram novos desejos e sonho, dando um novo ritmo a construção social e também do lugar.

Conforme o relato do membro da cooperativa C7 (2017) a prefeitura contribuiu e ainda contribui para a estabilização da cooperativa por meio da disposição de água com o caminhão pipa no galpão, para o consumo dos cooperados e também de combustível para o caminhões fazerem a coleta sobre toda a cidade.

Similarmente, no início da cooperativa quando foram feitas as capacitações com os catadores, a prefeitura cedeu o espaço da escola municipal do bairro da Catuaba para a realização de cursos. Foram feitos também no ano de 2012 pela atuação da prefeitura, os cadastros dos catadores nos Programas “Minha Casa Minha Vida”, “Bolsa Família”, “Campanha de Vacinação. Além disso, conforme a análise dos contratos, em maio de 2014, os catadores conseguiram com o apoio do Ministério Público, o contrato com a prefeitura para remunerar o serviço que já vinha sendo realizado de coleta seletiva no município possibilitando a cooperativa um rendimento mensal, o qual é destinado ao pagamento dos técnicos, do vigia, dos motoristas, do consumo da energia elétrica no galpão e os concertos dos carrinhos elétricos e dos caminhões.

Portanto, após esse período de dois anos, no qual, foi o tempo necessário para equipar a cooperativa e capacitar os catadores, o projeto teve como desfecho o reconhecimento da Prefeitura Municipal de Jacobina, que contratou a cooperativa para a realização do serviço de coleta seletiva de acordo com a Lei Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, em atendimento a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Este reconhecimento por parte da prefeitura e do governo veio a possibilitar a ampliação do galpão e conseqüentemente sua solidificação e melhorias tanto técnicas como sociais na cooperativa, conforme a figura abaixo:

**Figura 04.** Ampliação do galpão da Cooperativa Recicla Jacobina



Fonte: Daltro, pesquisa de campo, 2017.

### 1.3 A atuação e os princípios da Cooperativa Recicla Jacobina

A atuação da Cooperativa Recicla está baseada na prestação do serviço da coleta seletiva e comercialização de materiais recicláveis. Sua atuação se dar em todo o entorno da cidade de Jacobina, e tendo como projeto a ampliação da coleta sobre todo o município de Jacobina, segundo o atual técnico da cooperativa. Desta forma, os materiais recicláveis são coletados e dispostos nos ecopontos conforme indicado no Quadro 01, ou são diretamente colocados no caminhão que leva imediatamente para o galpão, o qual é a sede.

Os ecopontos são tendas onde se podem fazer entregas voluntárias de materiais recicláveis e é também onde os cooperados guardam os materiais recicláveis coletados nas ruas e nas casas da população jacobinense até a vinda do caminhão para levar ao galpão (Figura 05) e (Figura 07). A coleta seletiva é feita na cidade através de dois caminhões e quatro carrinhos elétricos. Os catadores fazem a coleta diária pelas ruas e casas da cidade de Jacobina com os carrinhos elétricos (Figura 06), já com os caminhões eles fazem a coleta dos ecopontos, lojas, escolas, mercados entre outros, ou seja, em locais que acumulam grande quantidade de material reciclável.

**Quadro 01.** Coleta feita nos Ecopontos pelo caminhão para levar ao galpão

Dias de coleta	Ecopontos
Segunda-feira	Jacobina I
Terça-feira	Felix Tomaz
Quarta-feira	Matriz/ Mercado Velho
Quinta-feira	Jacobina III

Fonte: Daltro, pesquisa de campo, 2017.

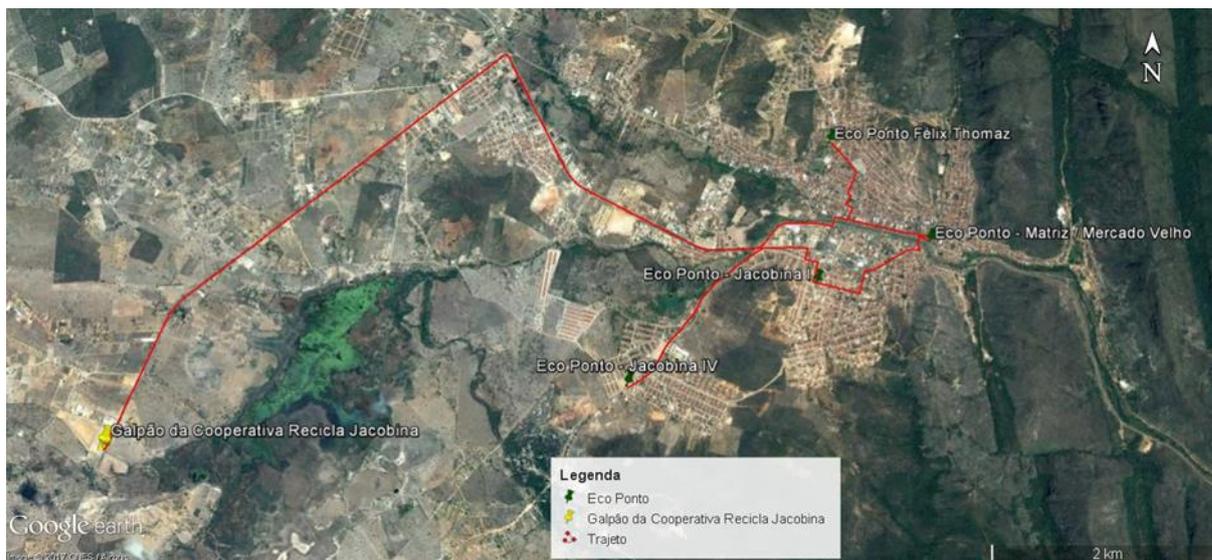
**Figura 05.** Eco Ponto do bairro Jacobina I.

Fonte: Daltro, pesquisa de campo, 2017.

**Figura 06.** Carrinho elétrico.

Fonte: Daltro, pesquisa de campo, 2017.

**Figura 07.** Percurso dos ecopontos ao galpão da cooperativa.

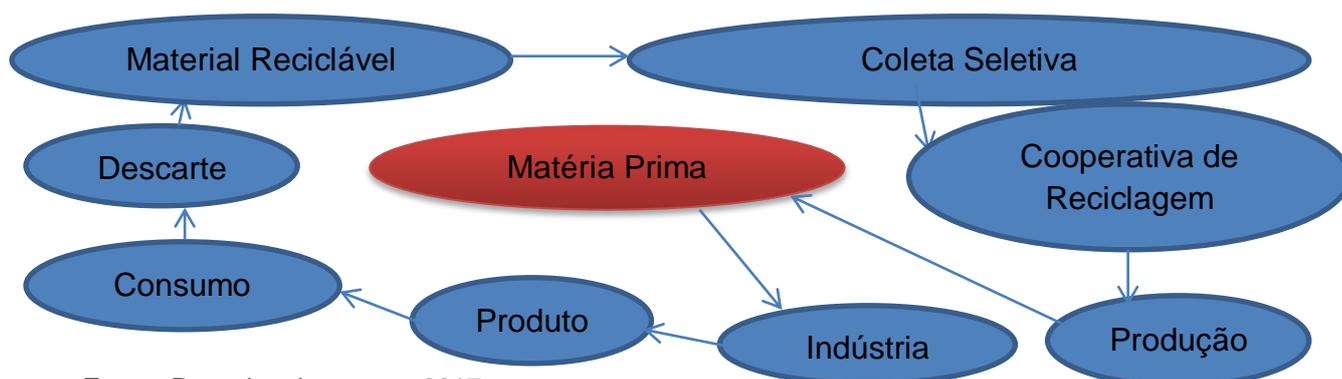


**Fonte:** Google Earth, 2017.

**Elaboração:** Daiane Lima de Oliveira Daltro.

Pelo seu desempenho na cidade de Jacobina a cooperativa vem ganhando grande destaque pelas ações que vem desenvolvendo no município, pois se baseia em uma produção sustentável e um trabalho coletivo. Tendo um ciclo de produção baseado na retirada apenas uma vez da matéria prima virgem, pois a partir do momento que a indústria fabrica um produto, no qual é consumido e depois descartado pela população a cooperativa de reciclagem coleta esse material e dá um novo destino a ele, o qual é a transformação e o retorno as indústrias para novamente ser transformado em um novo produto. Desta maneira este ciclo é constante e fundamental para a preservação da natureza e da vida humana (Figura 08).

**Figura 08. Esquema do Ciclo de Produção da Cooperativa**

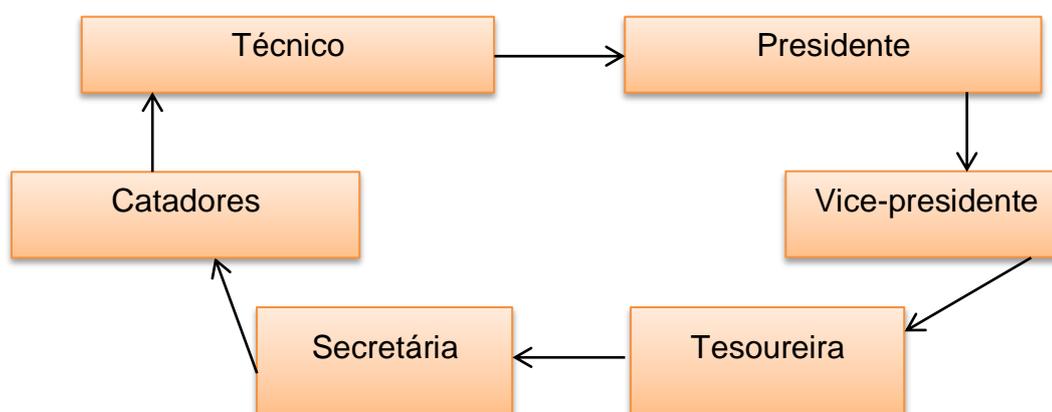


**Fonte:** Pesquisa de campo, 2017.

**Elaboração:** Daltro, 2017.

Além dessas benfeitorias que a cooperativa de reciclagem faz ao meio ambiente e a sociedade, há simultaneamente a essa produção material uma maneira de administração bem peculiar das demais corporações industriais, pois baseado nos princípios do cooperativismo a administração desta cooperativa se baseia na igualdade dos direitos de manifestação de opiniões onde todos tem voz e vez para expressar suas concepções. Seguindo um regimento interno, eles fazem uma votação para escolher alguns catadores que sejam representantes da cooperativa, principalmente para representar em outras cidades a cooperativa quando tem algum congresso, confrência e encontros indo também buscar por novos projetos, os quais beneficie a cooperativa, como por exemplo, o adquirento de novos equipamentos. Simultaneamente buscam outros compradores, os quais ofereçam os melhores preço para a vendagem do material. A administração da cooperativa se constitui conforme organograma a seguir:

Figura 09. **Organograma da Administração da Cooperativa Recicla Jacobina**



**Fonte:** Daltro, pesquisa de campo, 2017.

Para fazer parte da cooperativa, segundo a presidente atual, é necessário uma reunião com todos os cooperados para discutirem a permissão ou negação da entrada de mais um membro na cooperativa. Se for aceito pelo coletivo, a pessoa passa por um processo de adaptação durante um período de dois meses, recebendo apenas o valor do salário mínimo e não tendo parte no que é produzido coletivamente e também durante esse período, nas reuniões do conselho administrativo não tem direito a votar, contudo ao passar por essa etapa de dois meses, o novo membro tem direito de votar e recebe igualmente a todos os outros

catadores, sendo que o valor é proporcional a catação ocorrida pelo coletivo durante o mês. “Os valores que cada um recebe fica em média de 800,00 a 2000,00 reais”, (Membro da cooperativa C5, 2017). Por conseguinte, durante esse período de experiência e aprendizado algumas pessoas abandonam a cooperativa devido não se adaptar aos acordos internos da cooperativa e também as dificuldades da catação.

A Cooperativa Recicla Jacobina, faz parte da Base Orgânica do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). O MNCR é um movimento social que busca a valorização da categoria de catador exaltando a sua importância perante a sociedade. Este movimento trabalha a favor da autogestão e da organização de todos os catadores, buscando a participação de todos em prol dos seus direitos, tendo como base a democracia direta onde todos tem voz e voto nas decisões. Desta forma, integrado a esse movimento os cooperrados buscam lutar pelos seus direitos aspirando garantir a independência da classe.

De acordo com o atual técnico, da Cooperativa Recicla Jacobina, ela é considerada um empreendimento econômico solidário de produção, seguindo assim as premissas dos empreendimentos econômicos solidários. Tomando por base a Projeto de lei de 2010 capítulo I Art. 2º que diz, a Economia Solidária constitui-se em toda forma de organizar a produção de bens e de serviços, a distribuição, o consumo e o crédito, que tenha por base os princípios da autogestão, da cooperação e da solidariedade, visando a gestão democrática, a distribuição equitativa das riquezas produzidas coletivamente, o desenvolvimento local e territorial integrado e sustentável, o respeito ao equilíbrio dos ecossistemas, a valorização do ser humano e do trabalho.

Constituída pelos princípios da economia solidária, a cooperativa não é somente uma alternativa de geração de renda e trabalho, visto que diante das possibilidades que o lugar lhe oferta as pessoas as quais compõem essa cooperativa atuam de forma que venham a serem indivíduos construtores de sua história, venham através dessa realidade vivida diariamente se tornarem indivíduos políticos ativos, logo demonstrando sua posição e ação diante da sociedade. Refletindo deste modo em seus atos, a demonstração de ser parte integrante da economia solidária é ter uma vida melhor. Assim fala Singer a respeito da economia solidária “a economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras,

consumidoras etc., uma vida melhor” (SINGER, 2002, p.144). Por isso a economia solidária vem a ser mais do que uma mera resposta ao capitalismo diante da exclusão diária dos indivíduos, mais sim uma alternativa de humanizar mais a produção e a humanidade, e é em busca dessa humanização que todos os seres humanos devem estar, principalmente os que são filiados ao cooperativismo.

Desse jeito, a Cooperativa Recicla Jacobina é um empreendimento que veio a proporcionar a aqueles que ficaram sem um emprego no mercado do trabalho e sem uma renda da qual era proveniente da catação de material do lixão, um sustento regular. Vemos, portanto, através desse exemplo que os empreendimentos econômicos solidários têm a sua ascensão ligada às desigualdades e ao crescimento do desemprego, pois no prefácio do livro Nunes (2009, p.14) é afirmado que, “em meio à elevação das taxas de desemprego, multiplicam-se as experiências dos empreendimentos solidários”. Em meio às crises econômicas, a economia solidária ganha força e se reestabelece mais fortemente no mercado, angariando novos espaços, tornando-se uma realidade para muitas sociedades em diferentes lugares.

Conforme salientado, a cooperativa surgiu perante as dificuldades que o trabalhador encontrou para se constituir como ator de sua história em um mundo de exorbitantes desigualdades sociais. Mediante a instabilidade financeira, as pessoas se viram excluídas do mercado de trabalho e a partir daí buscaram outro modelo de trabalho e renda para sobreviverem. Portanto, é em meio as crises econômicas que a humanidade passou e passa, surgem novas formas de trabalho, em busca de obter uma renda para viverem decentemente, pois, de acordo com Santos (2013a, p.17) “os recursos postos à disposição do homem, em termos de sua posição na escala social, mudam com o tempo e o lugar”, deste modo, os seres humanos se reiventam na sociedade, acontecendo a cada tempo novos eventos para a continuidade de sua estabilidade social e financeira, pois um bom exemplo são os empreendimentos da economia solidária que prioriza o ser e o seu bem-estar.

Em razão de que na economia solidária o fator ser humano é sempre priorizado, não havendo assim a competitividade nem o lucro privado e/ou individualismo. A busca por lucro é de maneira respeitosa e colaborativa com os outros indivíduos e com a natureza, levando sempre em conta o bem-estar de todos os envolvidos. Desse modo, é uma economia que enaltece o ser ao invés do ter. Para Nunes (2009) a economia solidária é ao mesmo tempo, uma prática real e um

projeto de sociedade, que busca uma nova racionalidade econômica, privilegiando a satisfação das necessidades individuais e coletivas e o respeito ao meio ambiente. Portanto, torna-se uma nova opção para aqueles que não tem ou que procura algo diferenciado do que predomina contemporaneamente. Destarte, os cooperados participam de uma nova racionalidade, as vezes por livre espontânea vontade e outras por pressão financeira, dando assim ao lugar novos formatos na produção material e na reprodução da vida.

Foi nessa busca de se consolidarem financeiramente e buscarem uma forma mais digna de viver e poduzir que os cooperados da Cooperativa Recicla Jacobina veio através do cooperativismo rever suas ideologias produtivas, produzindo agora de forma sustentável, sem agredir ao meio ambiente, como por exemplo não ateando fogo nos materiais, como faziam antes dentro do lixão, mudando sua forma de agir sobre o lugar.

Logo, na atualidade a sociedade está preocupada com a economia, pois sua qualidade de vida está diretamente ligada a ela, desta forma o cooperativismo torna-se cada vez mais atrativo por se expressar pela responsabilidade social em favor do trabalho humano e além do mais uma renda estável. Sendo que, mesmo ocorrendo à difusão feita globalmente dessa nova alternativa de trabalho, cada lugar tem suas singularidades a ser demonstrada e vivida mudando assim os contextos históricos e econômicos de cada empreendimento, pois em concordância com Carlos (2007a) ele vem dizendo que, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos se apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos.

Portanto, é nessa nova fase deste período histórico no qual os catadores agora fazem parte. É perceptível as mudanças na sua vida social e econômica, a partir das normas que regem a produção da cooperativa, os conflitos internos parcialmente acabaram, pois já não há mais a necessidade da competição pela catação, visto que o ganho geral é coletivo. Assim novas ideologia são vivenciadas por eles devido estarem trabalhando pelo princípios do cooperativismo regido pela economia solidária. Pois, a economia solidária está vinculada ao processo de geração de trabalho e renda, estando institucionalizada na propriedade coletiva dos meios de produção e se fundamenta na autogestão. Nunes ressalva essa produção da economia solidária dizendo,

Ao atingir temas vinculados aos mecanismos de produção, distribuição, do consumo, da prestação de serviços, das finanças, da moeda e da troca, de modo autogestionário e cooperativo, a economia solidária exige produção e adequação de conhecimento dentro de uma perspectiva específica. (NUNES, 2009, p.21).

Agir de acordo com os princípios da economia solidária diverge bastante da economia atual vigente, contudo há uma atuação conjuntamente na sociedade de ambas as economias, uma vez que essa nova alternativa não anula a ação da outra, sendo pois o capitalismo predominante e dominador. Atuando portanto, conjuntamente na sociedade, contudo com normas e ideologias diferenciadas.

É necessário que haja da parte dos cooperados um conhecimento mais aprofundado da economia solidária para que suas ações sejam realmente segundo seus princípios, havendo pois, diversos obstáculos e conflitos a ser superados para que realmente ocorra um exemplo de um empreendimento econômico solidário conforme o que rege as normas da economia solidária, pois são inúmeros contratempos, sejam eles derivados do poder capitalista, no qual interfere em diferentes escalas, globalmente e/ou localmente, sem esquecer também dos conflitos sociais e políticos, visto que o convívio diário em sociedade geram debates e/ou discussões devidos a divergência ideológicas, vindo a tornar complexo o desempenho social e econômico de qualquer empresa, associação ou cooperativa.

Logo, os catadores devem fazer deste lugar uma sociedade composta pela igualdade entre ambos seja social, política ou econômica atuando de maneira justa, coletiva, solidária, ou seja, respeitadora dos direitos humanos, isso deve ser a aspiração cotidiana de cada um, pois são os produtores de uma nova história, mediante essa cooperativa, devendo ser exemplo de aspirações para a sociedade jacobinense. Conforme diz Santos (2012) , devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem, mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. Portanto, apesar das conflituosidades do cotidiano essas devem

ser as pretensões buscada diariamente por cada cooperado e por cada ser humano, para produzir e viver na priorização do ser.

Haja visto que, diante do produzir e viver o lugar não é apenas um palco, no qual acontece as produções materiais e as reproduções da vida das pessoas, sendo pois um dos atores que age sobre a construção social de uma sociedade. Nele se dar a partir do seu uso e os movimentos conjuntos da divisão do trabalho e da cooperação solidária a formação social da história humana. Carlos (2007a, p. 17) diz que, “é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”, desta maneira é no lugar que se dar a atuação dos indivíduos na construção social demarcando assim a sua história no espaço-tempo. Visto que, para Carlos (2007a) as novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, novos comportamentos se constroem sob novos valores a partir da constituição do cotidiano, portanto, sob a nova perspectiva dada por meio da cooperativa a esses catadores, constitui uma nova construção social em seu produzir e viver.

## **2 PRODUIR E VIVER: AS CONFLITUALIDADES DO COTIDIANO DA COOPERATIVA RECICLA JACOBINA**

### **2.1 A cidade de Jacobina: um lugar de oportunidades desiguais**

No lugar é concebido a construção da vida, ou seja, as relações estabelecidas nele são tanto existencial como de produção, dando assim a concretude da história da humanidade. No lugar se percebe as diferentes práticas sociais, políticas, culturais e econômicas, que se dão de acordo com as oportunidades, as quais são ofertadas aos indivíduos e suas ações sobre elas. Desta maneira, em todo o mundo nos deparamos com diferentes lugares demonstrando diante de vários fatores as disparidades existentes entre os seres humanos devido às necessidades existentes para produzir e viver.

Ao analisarmos o município de Jacobina, especialmente o perímetro urbano, onde é a área de maior atuação da Cooperativa Recicla Jacobina, percebemos que ela vem viabilizando a produção desta cooperativa. Apesar do desemprego, constatamos que esta cidade viabiliza a sua população diferentes oportunidades. O lugar oferta possibilidades distintas às pessoas. A grande maioria dos indivíduos luta por ter um emprego, mas enquanto uns tem a chance de trabalhar no comércio, com carteira assinada e todos os benefícios garantido pelo ministério do trabalho e emprego outros não desfrutam desses direitos que os trabalhadores e trabalhadoras de todo o Brasil devem ter, alguns nem mesmo tem um trabalho no qual lhe garanta uma renda mensal. Segundo Santos (2013b) o lugar é o encontro entre possibilidades latentes e oportunidades preexistentes ou criadas. Estas limitam a concretização das ocasiões. Portanto, a busca por criar novas formas de renda é constante e interminável na vida dos seres humanos.

O que aconteceu e acontece cotidianamente no município de Jacobina devido às oportunidades oferecidas pelo lugar, são que enquanto muitas pessoas saem em busca de um emprego em outras cidades ou/e estados, e muitos chegam com esperança de encontrar aqui novas oportunidades de trabalho, do qual o local que antes residiam não lhes concebiam essa chance. Conseqüentemente essa busca por sanar as necessidades básicas de sobrevivências de um indivíduo, faz com que tenha um fluxo interminável ao longo do tempo pelos lugares.

Na Cooperativa Recicla Jacobina é visível esse exemplo de migração em busca de trabalho. Alguns que a compõe são naturais de Jacobina, mas há algum

tempo atrás, decorrente da falta de emprego migraram para outras regiões, passando um longo período em outras cidades e até em outros estados. Todavia também não encontrando nesses outros locais um serviço fixo, retornaram a sua cidade em busca de uma nova chance de conseguir um emprego, bem como de estar perto de seus familiares e amigos; e em outros casos os cooperados vieram de outros lugares em busca de novas oportunidades de trabalho, na expectativa de neste lugar poderem sobreviver decentemente.

Segundo Santos (2014b, p. 107, destaques do autor) “enquanto *um lugar* vem a ser condição de sua pobreza, *um outro lugar* poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhe são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam”. Desse modo, a construção da história da sociedade se baseia de certa forma na busca de se firmar em um lugar que garanta uma estabilidade social e econômica.

O lugar é o espaço dos acontecimentos ou eventos, nele se dá as ocorrências vividas pelos indivíduos, contudo muitas vezes esses são compelidos a deixarem seus lugares. De acordo ao que exista no lugar, seja de teor social, político, cultural e econômico outorgam-se as relações entre os indivíduos e o lugar, derivando desta maneira a construção social entre as ações das pessoas com o lugar, e este interferindo como a sociedade age. É perceptível que os fatores ambientais, sociais e políticos contribuem significativamente ao que se dá em um dado lugar. A sua forma de ocupação, produção, distribuição e consumo dirigem a dinâmica do lugar, transformando-o e modificando-o conforme os ditames globais, nos quais estão baseados no desenvolvimento da tecnociência, a serviço do capital.

Por consequência de uma sociedade não disponibilizar dos materiais de sobrevivência em um determinado lugar, ou seja, nem todos conseguirem um emprego, impulsiona as pessoas a abandoná-los o seu lugar indo à busca de outro, o qual lhe disponibilize essas oportunidades de trabalho, desse jeito são investidos em outras localidades todos os seus esforços para iniciarem dignamente sua vida e poderem ter êxito nesse novo ambiente. Desta forma há variados elementos conjugados às ações humanas que dão ao lugar suas características singulares.

A respeito das pessoas e sua significância no lugar, Milton Santos (2014b) nos diz que cada indivíduo tem o seu valor no lugar em que se localiza, este valor está relacionado ao indivíduo como produtor, consumidor e cidadão. O lugar é um dos fatores de grande significado para sua condição social/financeira, pois são

notados que um dado lugar pode proporcionar a uma pessoa diversas situações até mesmo privações tanto físicas como psicológicas, pois um dos motivos pode ser de não poder exercer suas habilidades profissionais, e por esse motivo venha impulsioná-la a mudar de lugar para que possa ter uma nova chance para viverem melhor, assim como exemplo de algumas pessoas que fazem parte da Cooperativa Recicla Jacobina que vieram das cidades de Barreiras, Umburanas, Capim Grosso e Orolândia, que ao chegarem a Jacobina não conseguindo um emprego, passando um longo período desempregados, em média dois anos, foram até a cooperativa e solicitaram que queriam fazer parte de sua corporação. Por isso, o lugar é o espaço das possibilidades e não-possibilidades a depender do indivíduo que o integra.

De acordo com as narrativas dos cooperados da Cooperativa Recicla Jacobina, os quais são alguns que trabalhavam antes no lixão como também aqueles que vieram de outras cidades, dizem que a cidade de Jacobina é um ótimo lugar para se morar e também para trabalhar, uma vez que, essas pessoas dizem que fazer parte da construção social deste lugar é muito bom, principalmente pela questão de poder ter um trabalho e estar em contato diário com a família e os amigos.

Contudo, nem todos compartilham desse pensamento, o membro da cooperativa C27 (2017) diz que, “o mercado de trabalho de Jacobina é muito restrito, girando sempre em torno da mineração”. Deste modo, estando esta cidade dentro de um contexto global, no qual está inserido em uma crise socioeconômica, apresenta-se com suas diversas particularidades, pois consoante a Santos (2014c) sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas. Como a produção se mundializa, as possibilidades de cada lugar se afirmam e se diferenciam em nível mundial.

O lugar é onde o homem estabelece seus vínculos criando assim sua história, nesse processo de construção social, no qual essa construção é a materialização da ação humana no espaço-tempo, o lugar é onde as coisas acontecem em que são realizadas as ações e relações entre os homens sucedendo desta maneira o protagonismo da sociedade atual. Portanto, é no lugar que o homem vive, trabalha, estabelece suas relações, produz e exerce suas influências e seu poder como cidadão.

## 2.2 O produzir e o viver pelos preceitos do cooperativismo

A Cooperativa Recicla Jacobina torna-se um bom modelo de uma nova forma de produzir e viver no município de Jacobina, em razão de que contribuem para o desenvolvimento comunitário na qual almeja prioritariamente o bem-estar de todos os envolvidos e sua sociedade. Sua atuação se dar por meio da concepção de postos de trabalho, sem distinção de pessoas, no prestamento de serviço e produção em todo o município em proteção ao meio ambiente, trabalhando sempre de forma sustentável, mediante as políticas preestabelecidas pelo cooperativismo, das quais estão vinculadas suas normas. Deste modo, esta cooperativa deu e continua dando um novo rumo às pessoas, concedendo também um novo arranjo ao lugar.

Percebemos através da Cooperativa Recicla Jacobina que o cooperativismo veio a proporcionar a essas pessoas uma nova alternativa de produzir e viver, pois desde sua criação teve como intuito em estar de acordo com os objetivos do cooperativismo de possibilitar novas formas de produção de trabalho,

O cooperativismo vem historicamente se desenvolvendo em nível mundial, desde o final do século XVIII e início do século XIX, assumindo, portanto, diferentes dimensões tanto em termos de sua prática como também em seus suportes teóricos. Toda sua origem está ligada por um lado a idéia de ajuda, filantropia, fé cristã, e por outro, pela reação dos trabalhadores no sentido de demonstrar seu desagrado ao modo de produção capitalista. O cooperativismo nasce enquanto uma alternativa de trabalho dentro de uma sociedade polarizada pelo antagonismo de classes sociais, e como forma de reação ao empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da nova organização do trabalho. (VASCONCELOS, 2005, p. 119).

As cooperativas têm como finalidade promover a humanização das relações econômicas, organizando a sociedade por outros valores que se baseiam na solidariedade, liberdade, democracia, justiça social e equidade. O sistema cooperativista age em benefício à dignidade humana e permitindo o acesso aos direitos humanos a todos sem distinção de raça, cor e/ou credo, inserindo a todos em um trabalho digno e não em atividades exploratórias e alienantes, construindo os cooperados novas ideologias a serem vivenciadas. Destarte, os cooperados nessa nova etapa de suas vidas carecem ser unidos deixando para trás à competitividade que sempre foram instigados pelo capitalismo, sendo que a competitividade é

responsável pelo abandono das ações solidárias na produção econômica. Santos (2015) analisa a competitividade a luz da ciência econômica da seguinte maneira:

Essa nova lei do valor- que é a lei da ideológica do valor- é a filha dileta da competitividade e acaba por ser responsável também pelo abandono da noção e do fato da solidariedade. Daí as fragmentações resultantes. Daí a ampliação do desemprego. Daí o abandono da educação. Daí o desapareço à saúde como um bem individual e social inalienável. Daí todas as novas formas perversas de sociabilidade que já existem ou se estão preparando neste país, para fazer dele- ainda mais- um país fragmentado, cujas diversas parcelas, de modo a assegurar sua sobrevivência imediata, serão jogadas umas contras as outras e convidadas a uma batalha sem quartel. (SANTOS, 2015, p.48)

Essa competitividade que permeia tanto a produção econômica como também a produção da vida dar uma modelagem característica a esse sistema vigente mundial, pois é através desses conflitos de produção que o lugar torna-se também com atributos globais. Segundo Maluf e Oseki (2008) o lugar, porém, não é imune às práticas de dominação e controle impostas pela sociedade aos espaços comuns. Ao incorporar as influências decorrentes de processos sociais, econômicos e políticos diferentes, o “lugar” é capaz de, ao mesmo tempo, identificar-se e servir de referência tanto às individualidades como à coletividade a ele relacionadas. Santos (2014c, p. 38) destaca que, “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, “únicos” ”. Desta maneira, a vivência desses catadores neste lugar torna-o com peculiaridades específicas dos demais existentes em todo mundo.

Diante das observações da vivência na Cooperativa Recicla Jacobina, vemos que por mais que alguns dos cooperados tenham a consciência de que agora fazem parte de um sistema cooperativista, nos quais os princípios são completamente diferentes das normas do capitalismo, às vezes ainda agem sobre influência do capitalismo. Uma vez que, esses catadores não fundaram a cooperativa por uma questão política, mas, sobretudo por questões econômicas, o que não significa dizer que com o passar do tempo, sanadas as necessidades básicas a sobrevivência humana, eles politizem a discussão e deem um sentido próprio ao cooperativismo. Porém, o estudo aponta que muitos ainda não conseguiram se desvencilhar dos intentos e modos de vida iniciais (antes da fundação da cooperativa), achando injustas as distintas temporalidades de cada um, que sob esta ótica, deveriam ser proporcionalmente quantificadas. Desta forma, é perceptível que alguns conflitos

que giram em torno do produzir e viver desta cooperativa são ocasionados pelos cooperados não estarem ajustados completamente a esse novo sistema que agora eles fazem parte.

O cooperativismo solidário é um sistema diferenciado em que está baseado na plenitude do bem-estar do homem, em todos os fatores que constitui a ele e o lugar que habita; indo ao encontro com um novo cenário econômico almejado por todos os cidadãos que não fazem parte da classe hegemônica, combinando esse sistema com o pensamento de Santos, no qual diz:

Pode-se, todavia, imaginar outro cenário, no qual o comportamento do espaço dos fluxos seja subordinado não como agora à realização do dinheiro e tornando-se subordinado à realização plena da vida, de modo que os espaços banais aumentem sua capacidade de servir à plenitude do homem. (SANTOS, 2015, p. 112).

Desta forma, como o sistema cooperativo solidário o espaço banal, se estabelece em um espaço que seria de todos; um espaço de vivências coletivas e igualitárias, onde o indivíduo não teria imposições de outros, não existiria nem dominados nem dominadores, criando desta forma um lugar agradável a todos seja para viver e para trabalhar. Em vista disso, seria espaços propícios a divisão igualitária, no qual o indivíduo teria mais chances de sanar as necessidades diárias.

### **2.3 Cooperativa Recicla Jacobina: o viver e o produzir dos cooperados**

A população da cidade de Jacobina proporciona aos cooperados os recursos necessários para que a cooperativa permaneça de forma financeiramente sustentável, o que tem possibilitado aos catadores uma estabilidade financeira ao longo dos tempos, uma renda mensal, a qual é fundamental para a sua sobrevivência, variando essa renda entre oitocentos a dois mil reais por pessoa, segundo informações passadas por alguns cooperados. Esta quantia mensal está baseada na contribuição direta e indiretamente da população jacobinense, pois contribuem através do descarte do material coletado, e os demais povoados pertencentes ao município de Jacobina, no qual o material reciclável é coletado juntamente com o lixo e despejado no aterro sanitário, por esse motivo que muitos catadores ainda exercem a atividade da coleta no aterro sanitário (Figura 10), porque fora do perímetro urbano de Jacobina não acontece à coleta dos resíduos

sólidos. Desse modo, o lixo que as pessoas descartam é a mola propulsora para a produção da cooperativa. Portanto, o lugar e as pessoas que o compõe contribuem para a permanência desta cooperativa.

**Figura 10.** Aterro Sanitário da cidade de Jacobina



**Fonte:** Daltro, pesquisa de campo, 2017.

O produzir desta cooperativa está intimamente conectado aos moradores desta cidade, pois é a partir do movimento de consumo, no qual influência grandemente nas compras dos comerciantes de Jacobina e consecutivamente do descarte dos materiais recicláveis, pois as mercadorias vêm embaladas com materiais que serão descartados assim que chegam, como por exemplo, as caixas de papelão, derivando desses descartes uma grande parte dos lucros da cooperativa, do qual é também impulsionado pelo consumo diário da população e seu descarte cotidiano, visto que em épocas festivas tanto aumento os lucros do comércio como também da cooperativa devido a maior quantidade de materiais recicláveis descartados. Dessa forma, a produção e a sobrevivência dos cooperados está intimamente ligada às ações da sociedade e consecutivamente algumas vezes ao mercado capitalista. Destarte, percebemos que as ações da cooperativa estão interligadas ao mercado capitalista, o que está de acordo com o pensamento de

Silva sobre a economia solidária ou especificamente como ela prefere chamar socioeconômica solidária,

[...] adotamos a idéia de economia solidária como uma forma alternativa ao sistema econômico, capaz de suprir as necessidades básicas dos cidadãos e defender os interesses dos trabalhadores.

Cabe ressaltar ainda que, a socioeconomia solidária não se constitui como um modelo revolucionário para mudar ou subordinar o sistema atual, caracterizando-se apenas como um projeto que tem como objetivo estruturar uma alternativa econômica, social, política e cultural. Uma vez que, paralelamente ao sistema capitalista, constata-se que existem formas alternativas que atendam e supram as necessidades mínimas da parcela da população que se encontra à margem do modo de produção vigente. (SILVA, 2010, p. 32)

Logo, a Cooperativa Recicla Jacobina segue paralelamente ou conjuntamente sua produção com o mercado capitalista, sendo que é através da logística reversa que se prossegue neste local a cooperativa. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (s/d) a logística reversa é um instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada.

Há, contudo, uma contradição dialética no ato de produção de uma cooperativa de reciclagem sendo ela um empreendimento econômico solidário, visto que é um trabalho de segmento sustentável que visa diminuir os impactos ambientais que o consumo exacerbado impulsiona a degradação do meio ambiente e é também a fonte de geração de ganho para todos os cooperados, todavia percebemos que se não fosse à produção de material e o seu descarte, no qual são constantemente mantidos pela obsolescência gerada pelo capitalismo, os catadores não teriam muitos lucros, podendo até mesmo vir à falência. Conseqüentemente, reforça-se a ideia que a uma união e/ou parceria por mínima que seja entre esta cooperativa e o mercado capitalista.

No entanto, mesmo sendo a sua produção proporcionada pela produção e descarte exacerbado da sociedade, esse beneficiamento que os catadores fazem com os resíduos sólidos, viabiliza uma nova fabricação de materiais sem ter a necessidade de retirar de uma fonte escassa ou não renovável a matéria prima. Este processo é de extrema importância para o meio ambiente e para toda a sua população, visto que, sem esse trabalho de coleta a degradação ambiental

aumentaria consideravelmente. Em vista disso, é de essencial importância para a estabilidade ambiental, social e econômica o trabalho dos catadores.

Portanto, sobre o modo de produção de uma cooperativa sendo-a do seguimento da economia solidária, mesmo tendo princípios de produção divergente ao modo capitalista não deixará ela de ter contatos diretos com o outro modelo econômico, sendo que,

Esse tratamento leva a entender os empreendimentos solidários como expressão de uma forma social de produção específica, contraposta à forma típica do capitalismo e, no entanto, com ela devendo conviver, para subsistir em formações históricas ditadas pelo modo de produção capitalista. Nos dias atuais, as inovações principais que a nova forma traz e mostra-se capaz de reproduzir concentram-se no âmbito das relações internas, dos vínculos mútuos que definem o processo social imediato de trabalho e de produção dos empreendimentos solidários. A economia solidária não reproduz em seu interior as relações capitalistas, pois as substitui por outras, mas tampouco elimina ou ameaça a reprodução da forma tipicamente capitalista, ao menos no horizonte por ora apreensível pelo conhecimento. Argumentos correntes em defesa da profundidade da mudança contida na economia solidária, considerando a melhora significativa nas condições de vida advinda do trabalho numa empresa autogestionária, o fortalecimento que tais fatos representam para a luta geral dos trabalhadores e, por outro lado, a necessidade para esses de aprendizado de um novo modelo econômico. (GAIGER, 2003, p. 194).

No entanto mesmo sendo do seguimento da economia solidária ocorrem internamente ações ligadas ao capitalismo, pois algumas pessoas que trabalham na cooperativa são contratados como, por exemplo, os técnicos, o vigia e os motoristas ganhando um salário fixo ou invés de ter parte na produção igualitária da reciclagem, como os demais. Desta maneira, mesmo tendo o contato diário com o sistema capitalista, em seu interior havendo essa ação capitalista dos contratados, mesmo assim a cooperativa não reproduz os ditames do capitalismo na sua prática diária entre os demais cooperados.

Portanto, mesmo havendo relações econômicas ligadas ao capitalismo, percebe-se na Cooperativa Recicla Jacobina uma forma administrativa ligada aos princípios da economia solidária, pois no âmbito do trabalho são exercidas as funções sem distinção de cargos, ou seja, todos participam igualmente da produção em todos os setores - da coleta a vendagem - ocorrendo no seu labor cotidiano uma coletividade e solidariedade contínua, dessa divisão igualitária da produção e da renda financeira.

## **2.4 Conflitualidades e peculiaridades no agir, pensar, viver e trabalhar dos cooperados.**

Na Cooperativa Recicla Jacobina a caso de algumas pessoas estarem lá devido não ter conseguido um emprego no comércio, ou seja, a busca por adentra a cooperativa é de caráter econômico e não político, pois procuraram fazer parte da cooperativa para terem uma estabilidade financeira. Todavia, os motivos de vir a fazer parte de uma cooperativa deve se respaldar não somente no trabalho e em uma renda, mas seus pensamentos devem estar respaldados em uma mudança de vida, no qual o ser humano tem mais importância do que a produção e/ou o dinheiro. Assim, o bem-estar social é o que deve pesar mais nessa decisão de fazer parte de uma cooperativa.

De acordo com Barreto e Paula (2009) ao analisar essas diretrizes, percebe-se que a todo o momento, mesmo que não explicitamente, a questão da necessidade de uma inserção consciente na lógica cooperativista se faz indispensável. O fato de que o ingresso em uma cooperativa baseia-se na livre opção do indivíduo pressupõe o seu interesse em aderir à proposta, o que é correlato à participação nas decisões e à busca por um constante aprimoramento profissional. O desenvolvimento do interesse pelo cooperativismo também, enquanto movimento, implica na busca pelo seu fortalecimento por meio do incentivo de relações intercooperativas, bem como do empenho em fazer com que a vivência dos seus princípios signifique uma transformação muito além da geração de renda e emprego, e sim uma mudança de caráter social e político. Desta maneira, as pessoas que buscam viver do cooperativismo devem estar abertas mentalmente a uma nova ideologia.

Essa nova ideologia que se baseia nessa mudança de caráter social, se fundamenta na necessidade de fazer parte desse modelo econômico, no qual o ser é muito mais importante do que o ter. Conquanto, não acontece de todos estarem lá devido à falta de emprego no mercado de trabalho. De acordo com o membro da cooperativa C13 (2017), ele está lá devido já ter participado de uma associação de agricultores e gostou de fazer parte deste sistema em que a coletividade e a solidariedade são fatores preponderantes deste trabalho, derivando daí sua busca pela cooperativa. Destarte, vemos que muitos ainda acreditam na força dos movimentos sociais para a modificação das ações sociais, as quais geram as

diferenças grupais, buscando desse jeito um viver e produzir na sociedade de maneira igualitária em qualquer local.

Em outro relato o membro da cooperativa C18 (2017), disse que, estava na cooperativa, devido não ter a possibilidade de estudar, pois no trabalho que ele exercia anteriormente não tinham tempo para os estudos, pois era muito corrido e viajava bastante, e também o patrão não o liberava um pouco mais cedo quando era necessário para ir para o colégio, tantos empecilhos o levou a abandonar a escola, retomando os seus estudos quando entrou para a cooperativa. Por isso além de proporcionar uma renda fixa, uma maneira de trabalhar de forma sustentável e em prol do bem-estar do ser humano, a cooperativa também incentiva a seus cooperados um crescimento intelectual e uma nova forma de viver socialmente.

Um dos fatores importante nessa cooperativa é incentivo a todos a continuarem os estudos, sendo praticados assim uns dos princípios do cooperativismo que é educação, formação e informação. Contudo, são poucos que ainda estudam, a maioria parou no início do ensino fundamental II, encontrando até mesmo neste ambiente pessoas ágrafas. Essa ausência de estudo geram problemas dos quais implicam num déficit no desenvolvimento da cooperativa, pois segundo Santos (2002), o fato de a maioria dos sócios não ter estudo secundário impede uma participação plena destes nos cargos de eleição e nas decisões da cooperativa que requerem conhecimento especializado.

Embora, ao analisar a fala de um cooperado com relação aos estudos percebe-se que ele tem o intuito de ter uma formação para que possa a vir sair da cooperativa, pois segundo o membro da cooperativa C19 (2017), ao se “formar” buscará outro tipo de trabalho, porque na cooperativa não tem os benefícios e segurança que um trabalho de carteira assinada tem. Segundo esse catador é ruim não ter a carteira assinada, não ter direito a férias, décimo terceiro, FGTS e seguro desemprego.

Percebemos através desse cooperado que o trabalho na cooperativa é só por um período enquanto ele não consegue um trabalho de carteira assinada, ou seja, a formalidade do trabalho pelo sistema capitalista, estar ainda restringindo seus pensamentos, o modo de trabalho capitalista e seus padrões é o ideal para ele, por mais que priorizem o capital e sua acumulação, pois segundo Gaiger (2003) o trabalho capitalista se baseia em, a) um regime de produção de mercadorias, de produtos que não visam senão ao mercado; b) a separação entre os proprietários

dos meios de produção e os trabalhadores, desprovidos e objetivamente apartados daqueles meios; c) a conversão da força-de-trabalho igualmente em mercadoria, sob forma de trabalho assalariado; d) a extração da mais-valia, sobre o trabalho assim cedido ao detentor dos meios de produção, como meio para a ampliação incessante do valor investido na produção. Diante disto, observamos os conflitos existentes na relação de permanência dessa cooperativa, pois alguns cooperados não conseguem se adaptar a esse novo padrão de produção, valorizando ainda o modo de produção capitalista.

Pensamentos restritos a uma única opção de trabalho é o que impulsiona a esses cooperados ações que venha a ocasionar conflitos internos, desta maneira ocorrem às ações conflituosas no produzir e viver na cooperativa, assim como diz Malassise e Alves (2011) a dimensão abstrata é justamente a mais complexa de se construir, pois os valores adotados pela economia solidária são contrários aos valores que vigoram na sociedade capitalista. É preciso desconstruir os valores antigos para construir novos, este processo pode demorar tempo e se não for adequadamente conduzido coloca a experiência da autogestão, da democracia, da participação a perder, pois os empreendimentos podem ser liderados por um grupo que mantém o poder sobre os demais e voltar a funcionar como um empreendimento normal. Portanto, ao adentrar em uma cooperativa deve-se ter em mente as mudanças de valores que cada sistema possui para que na convivência diária não venha a gerar os conflitos.

Outros conflitos se manifestam em relação ao trabalho direto com o lixo para a separação do material reciclável. Há certa rejeição tanto da sociedade com também às vezes da própria pessoa que efetua esse trabalho, por estar intimamente ligada a sujeira. Muitos cooperados reconhecem que necessitam fazer isso para sobreviver, pois se encontra jogados as margens da degradação humana. Em vista disso veem-se invisíveis diante da sociedade, sofrendo diversos preconceitos no dia-a-dia, pois a maioria das pessoas não considera um trabalho “normal” ou digno para um ser humano, e isto é um dos motivos de desistência dos cooperados nesta cooperativa, entretanto outros enxergam nesse extremo da pobreza um estímulo para lutar e produzir um futuro diferente. Neste caso, não se trata de uma repulsa ao cooperativismo, mas a atividade específica que a cooperativa desenvolve: a lida com o lixo.

Nessa conflitualidade do dia-a-dia as pessoas as vezes constroem um lugar de desencontro ao bem-estar comum, uma vez que, esses conflitos geram um ambiente retardatário ao desenvolvimento da produção e a tranquilidade mútua, ou seja, nessa atmosfera de conflitos quando a desunião impera não ocorrem as ações em coletividade. Desta maneira, as relações estabelecidas neste lugar se tornam frágeis, devido intempéries ocorridas corriqueiramente entre as pessoas de convívio interno e também com as relações que mantém externamente.

Na relação conflituosa que vivem diariamente estes catadores em produzir para viverem a sinuosa tentativa de superar a visão preconceituosa de muitas pessoas desta cidade. Enquanto alguns elogiam o trabalho que eles executam pela limpeza que fazem nas ruas e também por ser um ato de preservação ambiental, outros os tratam como lixeiros, coitadinhos e doidos. De acordo com um cooperado que fica em um dos ecopontos, ele disse que já sofreu preconceito por trabalhar com o lixo, mas ele diz, “doido são aqueles que não aproveitam o lixo, pois lixo é dinheiro, ser catador é ter conhecimento, é saber reaproveitar aquilo que a maioria não liga” (Membro da cooperativa C8, 2017). Desse modo, são constantes os obstáculos que cotidianamente os cooperados têm que superar para poder produzir e sobreviver, e nessa construção da vida também se constrói o lugar.

A pobreza em que se encontravam esses catadores foi um dos fatores estimulantes em querer mudar; em não querer mais fazer parte de uma classe submissa aos padrões sociais dos atores hegemônicos que enquanto uns enriquecem outros empobrecem cada vez mais. Segundo Santos (2015) esse cotidiano contraditório que enquanto há prosperidade do vizinho a pobreza do outro só aumenta. Esse indivíduo que perante a pobreza vai à busca de melhorias, tornar-se um ser ativo em sua sociedade, pois diante da pobreza não se acomodou, “a pobreza é uma situação de carência, mas também de luta, um estado vivo, de vida ativa, em que a tomada de consciência é possível” (SANTOS, 2015, p. 132). Nessa tomada de consciência é que o indivíduo toma uma atitude tendo em vista modificar sua vida e o lugar em que se encontra. Esses catadores são um bom exemplo dessa ação sobre a pobreza.

Além desses impasses, os catadores também têm outros obstáculos a serem superados diariamente, que dizem respeito às intempéries, uma vez que a maioria trabalha na rua e no aterro sanitário fazendo a coleta, estando trabalhando debaixo de um sol escaldante ou de chuvas, diariamente. Eles ainda destacam outro fator

que atrapalha na realização do trabalho que é a pouca colaboração da população jacobinense. Segundo o membro da cooperativa C14 (2017) apenas cerca de 30% das pessoas fazem a separação dos materiais recicláveis. A maioria delas costuma misturar o lixo orgânico com o material que pode vir a ser reciclado, deteriorando o material e impossibilitando de fazer a coleta. Por isso, á também a necessidade de catação no aterro sanitário, já que a população não separa o material reciclável em suas casas, e também como já falado, não correm a catação nos povoados e distritos do município de Jacobina, sendo assim despejados todos os materiais coletados dessas localidades no aterro sanitário.

Ademais dos fatores citados anteriormente, a outras problemáticas em torno da catação, os membros da cooperativa C23, C24 e C26 (2017) confidenciaram que algumas pessoas que já fizeram parte da cooperativa não lhes ajudam, ou seja, não separam em suas casas os materiais que possam ser reciclados. Eles ainda disseram que a parte da população que mais ajuda é as pessoas de baixa renda. Nos dias de coletas elas já deixam os materiais separados para os catadores pegarem, ao contrário das pessoas de que possuem uma renda mais elevada, muitas das vezes, atrapalha a catação, uma vez que misturam o lixo orgânico com o material reciclável. Deste modo, percebemos as diversidades do dia-a-dia que o lugar e sua população vêm atribuindo a essa cooperativa.

Na busca por ultrapassar os obstáculos impostos rotineiramente, os catadores têm a superar os impasses, sejam eles sociais, econômicos, políticos, travando uma luta diária para sobreviverem e terem êxito no mercado econômico. O lugar pode potencializar as dificuldades ou os benefícios à produção, como por exemplo, o ato de catar os materiais recicláveis tem também seus contratempos tanto de teor social que é a falta de colaboração dos indivíduos que pertencem a essa cidade e também econômico que são os sucateiros e os monopolistas que compram a mercadoria. Lembrando-nos que Santos (2013b, p. 47) nos diz, “o mundo nos oferece as possibilidades, e o lugar as ocasiões”.

Com relação aos conflitos existentes antes da cooperativa, especificamente a competitividade entre os catadores na coleta do melhor material, foi sanado, no entanto, há agora outro tipo de problema com referência a competição da coleta, que se manifesta entre a cooperativa e os catadores individuais autônomos (aqueles que não fazem parte da cooperativa), pois estes furtam os materiais já coletados e armazenados pelos cooperados nos ecopontos. A competitividade é assim elevada

a níveis de deslealdade, pois ultrapassa todas as fronteiras sociais, éticas e econômicas. Há ainda a questão da competitividade acirrada com empresas capitalistas que coletam aqui na cidade de Jacobina o papelão, para a produção de rolo do papel higiênico, atribuindo assim a disputa dessa empresa com a cooperativa para a arrecadação do papelão no comércio.

De acordo com Santos (2015, p.46) “a competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o para tomar seu lugar”. Por consequência da competitividade são gerados cada vez mais os conflitos externos que esses catadores enfrentam, pois essa competitividade que caracteriza o tempo atual da economia de mercado parece justificar para muitos a desumanidade de suas ações atuais perante a sociedade.

Além dessas ações que interferem negativamente na produção e na vivência cotidiana, há também a questão da venda do material, encontrando-se apenas uma empresa para compra do material coletado, havendo assim certa monopolização, pois não tendo concorrência aqui em Jacobina o proprietário dessa indústria oferece uma quantia abaixo do valor de mercado aos produtos reciclados comprados, como por exemplo, enquanto em outras localidades a pet é vendida a um real e trinta centavos, em Jacobina apenas recebem a oferta de ser vendida a oitenta centavos. Há simultaneamente outro problema, por ausência de mercado consumidor na cidade ou em seu entorno muitos materiais recicláveis deixam de ser coletados, pois por ter que acumular uma grande quantidade (toneladas) para depois emitir para outras regiões para vender, não há espaço suficiente para que isso ocorra, sendo também os custos altos para fazer esse transporte, porque a cooperativa não disponibiliza em sua frota um caminhão baú de grande porte. Por conseguinte, são variados entraves que permeiam a relação de produção, distribuição e consumo desta cooperativa.

Contudo apesar desses contratempos que o lugar e sua população proporcionam à cooperativa, há um fator de grande importância que precisa ser destacado, é a contribuição mensal da prefeitura à cooperativa, no valor de vinte mil reais mensais, os quais são destinados para pagar os impostos, Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) - pois, mesmo não possuindo os direitos trabalhistas, em decisão coletiva, resolveram fazer a contribuição mensal, correspondente a todos os cooperados da cooperativa - a prestação de serviços dos técnicos, o vigilante da sede da cooperativa, os motoristas, os consertos dos carros e caminhões e a conta

de energia. Conforme o conselho administrativo da cooperativa o dinheiro que sobra dessa contribuição é guardado para pagar férias, décimo terceiro e os demais direitos dessas pessoas contratadas, que são os técnicos, os motoristas e o vigia. Logo, os cooperados não precisam destinar parte dos lucros com a coleta para os gastos de manutenção da cooperativa.

Portanto, o Estado, atuando juntamente com a prefeitura vem a contribuir para a estabilidade dessa cooperativa, a qual está contribuindo a cada dia para a formação de uma renovada construção social, pois segundo Oliveira (2013), nesse sentido, dado a sua característica integradora de valorização do capital social, vislumbra-se novas relações dessas cooperativas com o Estado, com o mercado e com o restante da sociedade civil, considerando que elas ajudam a reforçar a importância da economia solidária e possibilita o avanço do exercício da democracia e das práticas de confiança e ajuda mútua.

De acordo com Malassise e Alves (2011) os princípios que advém desde a cooperativa de Robert Owen nos quais o cooperativismo inspira-se em valores como autonomia, democracia participativa, igualdade, equidade e solidariedade que se transformaram em sete princípios: o vínculo aberto e voluntário; o controle democrático por parte dos membros; a participação econômica dos membros; a autonomia e a independência em relação ao estado e a outras organizações; o compromisso com a educação dos membros da cooperativa; a cooperação entre cooperativas através de organizações locais, nacionais ou mundiais; a contribuição para o desenvolvimento da comunidade em que está localizada. Portanto, carecia de um maior conhecimento e porventura a prática dos cooperados da Cooperativa Recicla Jacobina, desses valores e princípios e conseqüentemente seriam refletidos amplamente em suas ações diárias.

As razões que se estabelece em uma cooperativa e o querer fazer parte dela são várias, dependendo deste modo das pessoas que a constitui e o lugar que habitam, tornando assim a construção do lugar perante o cooperativismo às vezes ineficiente, pois através de ações diárias sem coletividade, igualdade e solidariedade a concretude dessa cooperativa sobre o tempo-espaço se torna frágil. Maluf e Oseki nos dizem que,

Pode-se, portanto, afirmar que “lugar” é uma construção social a qual decorre da ação humana sobre o espaço durante um determinado tempo. À coletividade cabe garantir a permanência do lugar no tempo histórico e sua

conectividade com o resto do mundo. Manter as referências histórico-geográficas contribui para a manutenção da identidade do lugar e de nossa própria. (2008, p. 77).

Apesar de todos esses relatos, percebemos nas ações rotineiras dos cooperados da Cooperativa Recicla Jacobina, atitudes que compõe os princípios da economia solidária, tais como, a repartição igualitária da renda, a execução do trabalho sem uma divisão padronizada. Conforme França Filho (2007) a economia solidária é construída por iniciativas de natureza associativa ou cooperativa que envolvem moradores que, num determinado contexto territorial, buscam a solução de problemas públicos concretos, relacionados à sua condição cotidiana de vida, através do fomento à criação de atividades socioeconômicas. Neste sentido, a criação das atividades sócio-produtivas ou a oferta de serviços surgem em função de demandas reais, expressas pelos moradores em seu local. Tal economia estimula, no território, um circuito integrado de relações sócio-econômicas envolvendo produtores/prestadores de serviço e consumidores/usuários de serviços, numa lógica de rede. A criação da cooperativa foi em prol do bem comum para todos na busca de solucionar um problema de produção e vivência em função da demanda real que existia em sanar a exclusão e desamparo social e econômico.

E é na observância da produção destes cooperados nos galpões que se percebe conforme diz Gaiger (2003) que a autogestão e a cooperação são acompanhadas por uma reconciliação entre o trabalhador e as forças produtivas que ele detém e utiliza. Não sendo mais um elemento descartável e não estando mais separado do produto do seu trabalho, agora sob seu domínio, o trabalhador recupera as condições necessárias, mesmo se insuficientes, para uma experiência integral de vida laboral e ascende a um novo patamar de satisfação, de atendimento a aspirações não apenas materiais ou monetárias. Portanto, são trabalhadores que controlam como funciona os seus trabalhos, tendo o contato direto com o seu produto em todas as fases não se alienando como ser e como produtor.

Nessa fase de produção interna da cooperativa há outros empecilhos com relação às técnicas de produção. No ambiente de separação, o modo ainda é manual, pois eles não possuem uma esteira, na qual facilitaria e adiantaria bastante a separação do material coletado, mas possuem uma máquina de prensagem que ajuda muito na hora de vender os materiais (Figura 11). Santos (2013b) com relação ao tempo do lugar, diz que é, o conjunto de temporalidades próprias de cada ponto

do espaço, não é dado por uma técnica tomada isoladamente, mas pelo conjunto de técnicas existentes naquele ponto do espaço. O tempo do lugar ocasiona assim as transformações dos objetos e também das pessoas; provenientes que cada lugar tem seu tempo seja ele de modificações econômicas ou transformações sociais, atribuindo deste modo a história uma construção diferenciada de acordo com o espaço-tempo do período em que ocorreu, sendo que novas padrões de produção e consumo se dar de acordo com o tempo do lugar que está interligado ao mundo, moldando a produção da economia e também a produção da vida.

**Figura 11.** Máquina de prensagem e fardo já prensado



**Fonte:** Daltro, pesquisa de campo, 2017.

O lugar que se constrói a partir do tempo percorrido no espaço-tempo, é um lugar diferenciado dos demais lugares existentes no mundo, pois nele há diferentes temporalidades, manifestando deste modo particularidades próprias. O lugar que se constrói agora por meio da Cooperativa Recicla é um tempo de rever o que é possível produzir tanto materialmente como existencialmente, deste município em prol do beneficiamento das pessoas que compõem essa sociedade. É um lugar de oportunidades para aqueles que não tiveram chances reais ao longo de sua vida, é um tempo de produzir um trabalho e uma vida em outros ditames sociais, que se baseiam na economia solidária, voltada para a melhoria de vida de todos, como o que ocorreu com os catadores da Cooperativa Recicla Jacobina, que hoje em dia possui o que é necessário para sobreviver dignamente. Desta maneira é um tempo que as pessoas buscam mudanças, não somente mudança do ponto de vista econômico, mas também político-social.

O mundo globalizado, muda à relação do homem com o lugar, pois este não o mais possibilita em ter relações totalizantes com seu lugar, ou seja, não é mais

possível viver isolado apenas no seu espaço. Para Santos (2013b), ontem, o homem se comunicava com o seu pedaço da natureza praticamente sem mediação; hoje a própria definição do que é esse entorno, próximo ou distante, o Local ou o Mundo é cheia de mistérios. Em tempos de globalização, os obstáculos aumentam cada vez mais para aqueles que querem produzir sustentavelmente e coletivamente, desvelando grandes desafios para a Cooperativa Recicla em sua relação cotidiana com o mundo.

“Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2015, p. 112). Deste modo, a sociedade dá-se a partir de suas relações e realizações no espaço-tempo, dar materialidade a sua história, pois o produzir da história está interligado a produção econômica que se dar também a produção da vida e que tudo isso se materializa no lugar. Cada lugar tem o seu tempo, desta maneira às diferentes temporalidades, pois cada um tem um ritmo diferente, dando assim a concretude do cotidiano, visto que este é a ponte entre o vivido e o mundo. É sobre a atuação neste tempo que a Cooperativa Recicla Jacobina constrói a sua história.

### **3 EMANCIPAÇÃO POLÍTICO-ECONÔMICA: DA PALPERIZAÇÃO DA VIDA A DIGNIDADE SOCIAL**

#### **3.1 O reconhecimento da importância do trabalho do catador: um caminho a sua emancipação.**

Nas ações decorrentes ao longo do tempo, a história da humanidade toma diversos rumos, onde nesse percurso sucedem vários eventos que direcionam a sua caminhada, levando-o a uma construção social diversificada de acordo com o tempo e o espaço que ocupam. Dessa maneira, com as transformações que ocorrem globalmente influenciam de maneira significativa os lugares. Dão-se assim características particulares que marcam o tempo e o espaço em que atualmente estão vivendo.

As diversas temporalidades que vão se dando no transcorrer da criação da história irão moldar os elementos físicos e sociais de toda uma sociedade. Muitas vezes ocorrem mudanças que impactam as vidas de muitas pessoas transformando radicalmente seu modo de agir, pensar e atuar na sociedade. Deste modo é a Cooperativa Recicla Jacobina, uma cooperativa que veio trazer mudanças radicais em todos os âmbitos na vida daqueles que a compõe. Destarte, nesse lugar, há hoje um novo sentido para esses indivíduos, obtido através dessas transformações que a cooperativa veio a oportunizá-los, pois conforme Carlos (2007b, p. 42), “o lugar é que assegura a materialização do processo, realizando-se no plano do imediato. Tudo isto significa dizer que é no plano do lugar e da vida cotidiana que o processo ganha dimensão real e concreta”.

A Cooperativa Recicla Jacobina com o passar dos dias, tem se destacado no contexto socioeconômico se estabilizando na cidade jacobinense. Suas ações refletem na vida de todos aqueles que fazem parte desta entidade. A cooperativa tem possibilitado aos cooperados uma formalização do trabalho e também uma inserção social conforme ratifica o pensamento de Godoy (2005, p. 05) que afirma, “seriam as cooperativas de catadores de materiais recicláveis, formadas por ex-catadores autônomos, a melhor alternativa para a formalização destes trabalhadores e sua inserção social”.

Com a intensificação das ações dos catadores em Jacobina, podemos perceber a melhoria na limpeza das ruas, pela coleta dos materiais recicláveis e também a preservação ambiental, uma vez que, muitas vezes ao retorno desse

material reutilizável as indústrias, já não se faz mais necessário à utilização da matéria-prima virgem para a produção de novos objetos, em vista disso, não só há benefícios sociais mais também ambientais. De acordo com Costa e Pato através desse serviço ambiental, os catadores sentem,

Orgulho, quando descobre a sua importância como agente ambiental que contribui para as questões de preservação e conservação. Assim, diante desse contexto, este sujeito social realiza o trabalho de reaproveitamento do lixo e dá um significado de utilidade a esse material. (COSTA; PATO, 2016, p. 99).

Nessa transformação social, em que o lixo passa a ser não apenas um modo de sobrevivência, mas também a concepção de um trabalho digno e reconhecido por alguns, dado que de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego a catação encontra-se inserido na Classificação Brasileira de Ocupações. Em seu portal, o Ministério do Trabalho e Emprego (2017), afirma que, os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança.

Desta maneira, quem trabalha com o lixo deveria ser mais reconhecido pela sociedade pelo belo trabalho que executa, sendo que o lixo passa a ser compreendido como material reciclável que pode ser reaproveitado e transformado. Em conformidade com Costa e Pato (2016), esta transformação ocorre também no próprio sujeito social, que já não lida com o lixo como se ele estivesse misturado a sua acepção, mas como algo que lhe dá sobrevivência e que, no ato da coleta e da reciclagem, o leva a reconhecer suas dimensões econômicas, sociais e ambientais e, com isso, a própria valorização do seu trabalho e da sua figura como trabalhador. Esta alteração de sentido faz o trajeto do espaço externo no qual o catador está inserido, e de suas relações sociais, ao seu espaço interno, pessoal e individual. Em vista disso, eles se sentem mais incluso nessa sociedade que sempre lhe deixou de escanteio, buscando serem a cada dia, mais reconhecidos por todos, não só apenas pelos órgãos públicos.

Logo, com essas mudanças sociais, políticas e econômicas na vida do catador, o lugar vai apropriando-se de novos sentidos, devido às novas relações

agora existentes, com um novo formato de produção e uma nova reprodução da existência desses catadores, o lugar adquire significado diferente atualmente para esses indivíduos. Para esses cooperados o lugar adquire hodiernos sentidos apoiados nas relações estabelecidas como consequência da atuação da cooperativa, isto porque, como disse Carlos (2007a, p.18), “são as relações que criam o sentido dos lugares, porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso”.

A inclusão social é uma tônica para a Cooperativa Recicla Jacobina, pois ela é composta por indivíduos potencialmente marginalizados pelo mercado de trabalho. São eles: os de idade avançada, pessoas acima de 50 anos, considerados menos produtivo pelo mercado; os de pouca idade, compreendido na faixa dos 18 aos 20 anos, os quais nunca tiveram a oportunidade de trabalhar no comércio, sendo por isso inexperientes; os ágrafos, que não concluíram a educação formal básica, o que diminuiu muitas oportunidades na vida, principalmente relacionadas ao trabalho. Desta maneira, por ocasiões desses casos supracitados essas pessoas se tornaram os “inempregáveis” no mercado de trabalho, mas não para a cooperativa, por consequência disso, as cooperativas vem viabilizar as pessoas novas chances, por meio do trabalho coletivo e solidário.

Com relação às cooperativas, Oliveira (2013) ressalta que, as iniciativas de cooperativas populares contrapondo as empresas capitalistas são nesse momento uma das maneiras mais viáveis e práticas para o enfretamento da crise do trabalho contemporâneo. Nesse sentido, dado a sua característica integradora de valorização do capital social, vislumbra-se novas relações dessas cooperativas com o Estado, com o mercado e com o restante da sociedade civil, considerando que elas ajudam a reforçar a importância da economia solidária e possibilita o avanço do exercício da democracia e das práticas de confiança e ajuda mútua.

### **3.2 Cooperativa Recicla Jacobina: emancipação dos seus cooperados**

A Cooperativa Recicla Jacobina vem oportunizando aos seus cooperados possibilidades de emancipação, pois os propicia haver internamente uma comodidade física, social, emocional e financeira devido ser regida por leis que valoriza o ser humano e a humanização de suas ações, na qual está baseada

principalmente na solidariedade entre os indivíduos, deixando de ser um modo de produção alienante e passando possibilitar aos cooperados o domínio sobre suas vidas e tudo que procede do seu trabalho. Segundo, Ferreira (2013), a emancipação do trabalhador significa a abolição de todo esse sistema alienante, uma forma de estar diametralmente oposta à alienação. Trata-se da retomada de sentido do próprio trabalho, do domínio sobre o próprio produto e, por fim, domínio sobre si e sua relação para com os outros entes de sua espécie.

Por conseguinte, a cooperativa torna os cooperados libertos das amarras dessa produção que separa o homem do seu produto, visto posto que, é por meio da economia solidária um dos caminhos que essa ação tornasse-se viável. Conforme Novaes (2012) a economia solidária preconiza o trabalho como meio de libertação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista. Contudo, apesar da cooperativa poder proporcionar a emancipação econômica e política, mesmo assim alguns cooperados ainda preferem retornar ao sistema capitalista, pois, considerar suas normas de trabalho mais eficazes, especialmente quando está relacionado à ideia de enriquecimento pessoal.

Sendo, pois, essa dimensão alienante um empecilho para a emancipação da sociedade, já que, segundo Silva (2013), a emancipação humana é um processo de intervenção política, que pressupõe mudanças significativas nas relações de trabalho, pois é através dele que o homem constrói as condições de existência, faz história. Mas, o trabalho nos moldes capitalistas o impede de se realizar plenamente, assim exige que novas relações de trabalho sejam construídas, nas quais solidariamente seja possível todos usufruírem do resultado de sua produção. Logo, é nesse intuito que a Cooperativa Recicla Jacobina trabalha, para que com o passar do tempo todos que constituem essa cooperativa sejam homens emancipados completamente sobre todas as áreas que permeiam a vida de um ser social.

É através da cooperativa que os catadores de material recicláveis, tiveram a dignidade retomada em suas “mãos”, pois a cooperativa viabilizou-os poder viver decentemente tanto economicamente, politicamente e socialmente. Com relação a aquisição econômica a fala de uma cooperada elucidada bem isso: “hoje eu posso comprar muitas coisas das quais eu precisava. Antes, eu não tinha como comprar” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C12, 2017), e outro cooperado ainda complementou dizendo, “com o dinheiro que eu ganho aqui dar para sanar as

necessidades básicas do dia-a-dia e ainda dar para construir, pois já estou quase finalizando minha casa e ainda guardo um pouco na poupança” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C16, 2017). É através dessas falas que compreendemos a importância que a Cooperativa Recicla Jacobina têm na vida dessas pessoas, os benefícios a qual ela proporciona a cada indivíduo trazendo a esperança de viver dias melhores possibilitados por esse trabalho e essa construção social vivenciada a partir do cooperativismo.

A produção da cooperativa tem melhorado a cada dia, pois tanto aumentou o número dos cooperados como também a ajuda dada pela comunidade, a qual tem contribuído para o aumento da renda mensal dessa cooperativa. Eles ainda relatam que “se agirmos ainda mais coletivamente temos a possibilidade de ganhar por mês até três mil reais” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C20, 2017). Ao conversar com outro cooperado, ele falou: “houve um aumento na produção e também na valorização do preço. Buscamos vender a compradores de fora, pois o preço ofertado é melhor” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C22, 2017). Desse modo com o poder de decisão que os cooperados têm de escolher a quem vender e por quanto vender, tem trazido benefícios para todos os cooperados nesta cooperativa, pois nesse relacionamento com outros compradores fora do reduto da cidade, possibilita aos catadores uma renda maior.

Sobre essa fluidez da distribuição do produto Moreira (2007) diz que, com a organização em rede o espaço fica simultaneamente mais fluído, uma vez que ao tornar livres a população e as coisas para o movimento territorial, a relação em rede elimina as barreiras, abre para que as trocas sociais e econômicas se desloquem de um para outro canto, visto que as relações entre os lugares se dão de maneira direta e indireta fortalecendo os vínculos econômicos e políticos a cada dia. Santos (2014d, p.25) nos diz, “o mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem hoje, relações diretas e indiretas com os outros lugares de onde lhe vêm capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens”.

Desta maneira a ação que se dar a partir da relação em escala dos cooperados com outras regiões e compradores demonstra-nos a relação local/global, que de acordo com Santos (2013b), a uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que, nesse nível, guia os investimentos, a circulação das riquezas, a distribuição das mercadorias. Cada lugar, porém, é o ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às

vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho. Assim se redefinem os lugares: como ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, mundiais e locais, manifestados segundo uma gama de classificações que está se ampliando e mudando.

Os cooperados tem experienciado a cada dia mudanças positivas em suas vidas tanto dentro do trabalho como fora dele. De pessoas invisíveis, rejeitadas e marginalizadas pela sociedade, sentem-se hoje, apesar ainda dos estigmas, pessoas de grande significado e importância para o corpo social do qual faz parte. Através da cooperativa a sua autoestima tem-se elevado, uma vez que, segundo as próprias palavras deles: “agora que tenho uma renda, minha autoestima voltou, até as coisas dentro de casa entraram em harmonia, tudo caminha bem quando você tem um trabalho” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C10, 2017). Nesse rumo, a Cooperativa Recicla Jacobina está oportunizando aos seus cooperados uma ascensão social e econômica, como elucidado pelos depoimentos dos cooperados.

Portanto, é por meio dessa cooperativa que esses seres humanos caminham para a emancipação, porque segundo Silva (2013), a emancipação humana tem a ver com a maneira como os homens se organizam para transformação da natureza e produção de sua existência como ser social. Desta forma, o processo emancipatório não é algo abstrato, mas concreto, que envolve repensar o modelo econômico vigente. Como se caracterizam as relações de trabalho nele? Pois, a emancipação não se dá apenas no plano das ideias, não é apenas no discurso que se constrói efetivamente condições de emancipação. As relações dos homens com os homens e destes com a natureza constituem fundamentais para se pensar o processo histórico e sua reconstrução.

A cooperativa de catadores da cidade de Jacobina mesmo sendo seu modo de produção divergente dos ditames globais de produção e acumulação, não deixa de sofrer influências constante, vivendo sobre a pressão do mercado regulado pelo sistema capitalista, visto que, na hora da vendagem do material, eles sofrem a pressão do mercado, o preço ofertado, a exigência de materiais mais rentáveis, enfrentando assim a exploração da indústria da reciclagem,

Ao passar dos limites das cooperativas de catadores, as relações externas que se estabelecem são capitalistas, pois são às industriais ou à intermediários maiores, que se destinam o seu objeto de trabalho, a mercadoria material reciclável. (Godoy, 2005, p.126)

Desta forma, mesmo sendo uma alternativa de trabalho, no qual as normas instituídas internamente não são iguais as do padrão hegemônico mundial, não deixam de ter essa relação íntima com o mercado capitalista, com isso leva-nos a refletir até que ponto a emancipação econômica de uma cooperativa que segue os princípios do cooperativismo vai, pois para a continuação de sua produção e estabilidade financeira ao decorrer do tempo, há de certa forma uma dependência dessa relação com as indústrias capitalistas para sua permanência. Segundo Godoy (2005), a economia solidária não reproduz em seu interior as relações capitalistas, no melhor dos casos as substitui por outras, mas tampouco elimina ou ameaça a reprodução da forma tipicamente capitalista, ao menos no horizonte por ora apreensível pelo conhecimento.

Entretanto, mesmo havendo essas contradições existentes no mundo da produção e venda os cooperados buscam uma nova forma de viver, pois há nela características muito importantes, na qual o ser humano só experimenta a partir dela, como por exemplo, uma democracia ativa.

O cooperativismo, como parte da Economia Solidária, é um sistema que apesar de inserido no capitalismo, é reconhecido como um sistema mais adequado, participativo, democrático e mais justo para atender às necessidades e os interesses específicos dos trabalhadores. O crescimento deste tipo de empreendimento, especialmente os geridos por catadores de materiais recicláveis, tem sido significativo e chamado a atenção de estudiosos e poder público municipal, estadual e federal. (Godoy, 2005, p.127).

O cooperativismo se diferencia em todo instante do poder hegemônico atual, pois a sua “essência” estar baseada no bem-estar do ser humano. Para Oliveira (2013) o cooperativismo visa um desenvolvimento democraticamente gerido, por meio do trabalho conjunto, a cooperação enquanto ação, a reciprocidade, o compartilhamento do poder, da decisão e a horizontalidade em todos os acontecimentos condizentes com o empreendimento (cooperativa). Logo, é através dela que o indivíduo pode galgar o sentimento da real emancipação, pois como complementa Mézáros (2011), a emancipação humana deve estar aliada a uma luta por transformação do atual modelo econômico e político hegemônico, lutando contra os mecanismos de reprodução e perpetuação desse sistema.

Um homem emancipado é um ser o qual se torna autônomo, mediante o ato de pensar, refletir e agir criticamente sobre o espaço que ocupa, pois a emancipação

se baseia no processo entre as ideias e a realidade concreta vivida. As ações efetivadas com lucidez trazem ao indivíduo uma conscientização crítica, essa lucidez vem a ser possibilitada por alguns fatores como, por exemplo, uma escolaridade e o acesso às informações, visto que, as informações transmitidas pelos meios de comunicação influenciam muito na hora de tomar uma posição, principalmente quando nos referíamos à participação política em assuntos públicos.

A participação política fortalece o regime democrático, demonstrando que a atuação na democracia não é somente votar, para escolher um representante, ou seja, havendo desta forma apenas uma democracia representativa, mais vai, além disso, é participar de tudo aquilo que tem a ver com a tomada de decisões que influencia a todos socialmente, deve-se participar de reuniões, tomando assim consciência do que estar sendo feito e do que precisa fazer. Quando for necessário fazer manifestações para reivindicar tudo aquilo que não está se encaminhando corretamente na sociedade. Se inteirar dos assuntos políticos e proceder na discussão demonstrando sua opinião. Analisando deste modo as condições históricas e sociais em que se encontra e também ter a consciência do lugar, ou seja, a posição que ocupa, fazendo deste modo uma reflexão crítica sobre essas condições sociais, e a partir daí agir politicamente para tentar transformar ou superar os obstáculos existentes no cotidiano da sociedade a qual pertence.

A sociedade em si é organizada por algumas regras, para que haja o funcionamento regular e com o fim de que os objetivos sejam alcançados. Nessa organização social a política tem um papel fundamental, pois é a partir da atuação política que as pessoas podem agir com liberdade e igualdade tomando as decisões para solucionar os problemas relacionados à realidade social. Nisto a participação política consiste na conjugação das ações políticas dos seres humanos levando-os a um fim comum.

Nessa vertente do agir politicamente a Cooperativa Recicla Jacobina possui em sua natureza a disponibilidade de viabilizar aos seus membros a liberdade e a igualdade de participar das decisões que permeia a gestão e a formação corporativa desta cooperativa. Para Malassise e Alves (2011, p. 4) “o fato de participar das decisões, de ter voz e voto, contribui para reduzir a alienação no trabalho, estimular a participação e aumentar a motivação dos trabalhadores”. Desta maneira, sendo constituída a cada dia pelas ações dos cooperados em fazer parte e tomar parte de

tudo o que se processa dentro e fora que esteja relacionado à cooperativa, pois ela só existe por causa da ação conjunta de todos.

Mediante a questão de participação política e de serem indivíduos políticos, os cooperados relataram: “sou um sujeito politizado, além da cooperativa participo de vários movimentos, tenho conhecimento como deve agir os cooperados aqui na cooperativa, é para decidir tudo coletivamente” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C15, 2017). É de extrema importância a participação democrática de todos os catadores de forma igualitária e isso pode vir a ser alcançado, por meio da formação de sujeitos politizados, pois,

Essa carga alienante é sacudida quando a pessoa se envolve em lutas emancipatórias, que desafiam a ordem vigente: greves, manifestações de protestos, reuniões de comunidades eclesiais de base, ocupações de terra visando à reforma agrária e muitas outras. Irmanar-se com os iguais, insurgir-se contra a sujeição e a exploração constituem experiências redentoras. Quando reiterados, modificam o comportamento social dos sujeitos. Entre as empresas solidárias, a autogestão se pratica tanto mais autenticamente quanto mais sócios são militantes sindicais, políticos e religiosos. (SINGER, 2002, p. 22).

Nessa prática de pertencer a movimentos sociais, alguns dos cooperados dessa cooperativa têm contato direto com o Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR), no qual os possibilita a troca de experiência e de agirem politicamente em suas cidades. Visto que esse movimento tem como intuito a criação de uma rede global para a troca de experiências entre as organizações de catadores do mundo,

O MNCR atua a partir de princípios de autogestão, democracia e ação direta, independência e solidariedade de classe e com uma estrutura que comporta desde a participação e decisão das bases orgânicas até a representação nacional. Com esses princípios e estrutura, constitui-se em uma instância de organização e defesa dos interesses dos catadores pelos próprios catadores. A conformação dos modos de fazer ou da forma de execução do trabalho de coleta ou, ainda, da organização em torno da coleta traduz as tecnologias produzidas na articulação e na troca de experiências entre catadores de vários locais e regiões e de diferentes países. (BORTOLI, 2013, p. 251).

Logo, por meio do contato e na troca de conhecimentos desses cooperados pelo MNCR que estão espalhados por todo o território brasileiro, compartilham as dificuldades e a transposição dos obstáculos tanto endógeno (os problemas dentro da cooperativa, a produção) como exógeno (os problemas com distribuição e venda

do produto), atribuindo a essa relação à valorização da categoria de catador, e enaltecendo o protagonismo e a participação efetiva do catador em tudo que envolve sua vida. Fortalecendo através dessas relações em rede, uma democracia significativa, demonstrando que o exercício da democracia não é apenas o ato de votar. Segundo Godoy (2005), por tantos anos fomos privados de escolher dirigentes políticos, democracia significa simplesmente ser representado e não participar diretamente da tomada de decisões nas questões que nos afetam. É com o intuito de desmistificar o ato democrático, que muitas das vezes estar restrito somente na conduta da votação, que a cooperativa quer demonstrar como verdadeiramente se constroem cidadãos participantes e ativos na vida política.

A democracia participativa vivenciada cotidianamente é o que faz uma pessoa se tornar um indivíduo emancipado politicamente, segundo Oliveira (2013) a característica central das cooperativas populares é a democracia de gestão, que viabiliza a efetiva participação das pessoas que devem reconhecer-se enquanto indivíduos capazes de conhecer e exercer seus direitos, uma vez que, o exercício da democracia em uma cooperativa possibilita uma emancipação tanto política como econômica. Santos (2002, p. 69) diz que, “o objetivo é estender o campo de ação da democracia do campo político para o econômico e apagar, desta forma, a separação artificial entre política e economia que o capitalismo e a economia liberal estabeleceram”. Portanto, as ações de produção e vivência sobre os preceitos do cooperativismo vêm a assegurar a junção da economia e da política no âmbito da democracia. Destarte, a cooperativa dá a oportunidade aos seus cooperados de angariar essa emancipação, seja ela econômica e/ou política, visto que, mediante a participação ativa desses membros em todas as ações provenientes nessa cooperativa, seja de teor econômico, político ou social, buscando se inteirar de tudo que ocorre nesta cooperativa retendo deste modo um conhecimento amplo e necessário para a sua atuação, agindo, portanto, democraticamente e efetivamente em tudo que permeia a vida social.

### **3.3 Autogestão um fator importante para a emancipação dos cooperados**

A Cooperativa Recicla Jacobina vem promovendo aos cooperados variadas transformações, principalmente na atuação da democracia, manifestada por meio da participação perante os fatos que ocorrem dentro da cooperativa, fazendo

cotidianamente assembleias e votações, para eleger as melhores soluções. Oliveira (2013) salienta que, a característica central das cooperativas populares é a democracia de gestão, que viabiliza a efetiva participação das pessoas que devem reconhecer-se enquanto indivíduos capazes de conhecer e exercer seus direitos. Estes, por meio da autogestão cooperativista possibilitam aos cooperados melhores oportunidades de trabalho e melhores rendas, fortalecendo a cidadania, a dignidade e a autoestima dos mesmos. Portanto, deve se haver um foco sobre os direitos e deveres que agora esses cidadãos passam a ter, pois mediante isso eles poderão agir politicamente.

Contudo, sobre essa ação de incentivo do agir democrático, na cooperativa, alguns cooperados relatam que, “o foco aqui é só na produção” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C9, 2017), deste modo às vezes deixam de vivenciar os outros benefícios que o movimento cooperativista pode proporcionar, pois o cooperado diz que, “o conselho administrativo não incentiva o reconhecimento dos direitos e deveres que cada um aqui possui” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C17, 2017). Esse relato revela que a cooperativa apesar das conquistas socioeconômicas, ainda apresenta fragilidades especialmente de âmbito político, pois seus membros às vezes criticam uma coisa da qual fazem parte e que deveriam tomar parte em tudo que ocorre na cooperativa, mas se delimitam as suas ações e participações.

Ao final do último semestre 2016 e no primeiro trimestre de 2017 a Cooperativa Recicla Jacobina vive um intenso processo de adesão e saída de cooperados, relacionada à atual crise financeira do país. A procura por adentrar a cooperativa é muito grande. Muitos dos que procuram fazer parte da cooperativa passaram por um longo período desempregados. Por conta dessa atual fluidez, muitos cooperados que, por sua vez, nunca tiveram experiência com o cooperativismo, desconhecendo-a, adentra-a a esse novo sistema sem suas leis basilares e sobretudo, o espírito político que a envolve, estando ainda presos a uma referência da lógica do mercado empresarial, o que, dificulta a ação emancipadora que a cooperativa propõe aos seus partícipes.

Para que se crie uma cultura cooperativista emancipadora a partir da gestão dessa cooperativa, há necessidade de haver algumas mudanças internas, a fim de que os cooperados possam gerir sozinho seu empreendimento, pois apresenta-se atualmente nesta cooperativa a ação conjunta e indispensável dos técnicos,

ocorrendo algumas vezes decisões e posicionamentos dos cooperados fundamentado na opinião dos técnicos, muitas vezes isso ocorre devido seu elevado grau de instrução e conhecimento sobre os princípios cooperativistas e financeiro.

A questão da gestão é um fator agravante nessa cooperativa, porque a autogestão é algo ainda pouco atuante nas vidas desses catadores. Um cooperado ressaltou, “me sinto como funcionário, mas me sinto responsável pela cooperativa” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C29, 2017), e outro complementou, “não sou patrão não, sou apenas responsável pela produção” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C25, 2017). Vemos por meio desses relatos a ausência do posicionamento dos cooperados como donos, pois perante o funcionamento de uma cooperativa todos os membros têm responsabilidades com relação a sua administração. Sobre essa questão da autogestão dentro da cooperativa, Ferreira diz,

Para a prática da autogestão, exige-se um esforço maior dos associados, que uma vez acostumado apenas com o cumprimento de suas tarefas repetitivas e de inexistência de tomada de decisão até mesmo sobre questões pertinentes à sua função, pode se mostrar resistente a trazer para si mais esta responsabilidade: participar nos debates e nas decisões que ditarão os rumos da empresa solidária. Assim a autogestão, fica ameaçada quando se visa o menor esforço necessário, é uma prática que impõe a necessidade de participação ampla e irrestrita de todos os envolvidos. Essa carência de iniciativa democrática por parte dos trabalhadores em geral é oriunda das práticas que prevalecem no cenário capitalista, onde não há participação ou sequer o interesse nas necessidades dos trabalhadores de níveis hierárquicos mais baixos. (FERREIRA, 2013, p.27)

Dessa maneira, nesta cooperativa é visível esse distanciamento de tomar a responsabilidade para si, sendo a autogestão algo ainda a ser auferido por todos de uma forma igualitária, pois vejamos mais um relato de uma cooperada “não sou patrão não, não sou responsável pelo que acontece aqui dentro não, a responsável é a presidente” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C28, 2017). Por essas e outras atitudes parecidas que muitas das vezes os cooperados desta cooperativa não têm em suas vidas a efetivação de uma emancipação por completo, pois delimita a sua participação a dar á uma única pessoa o poder de tomar todas as decisões, visto que, se todos são iguais não se justifica que só alguns venham a tomar a decisões por todos.

Sobre a autogestão Singer nos diz, “o maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a prática democrática

exige” (2002, p. 19). Esses depoimentos revelam que é provável que haja um grande empoderamento (centralização do poder) daqueles que estão à frente da administração dessa cooperativa, porque os seus partícipes ainda não se veem como um todo, ou seja, parte integrante e fundamental para sua existência, pois a cooperativa é o coletivo do qual o cooperado é parte constituinte fulcral.

Logo, vemos que muitas das vezes acontece na Cooperativa Recicla Jacobina esses atos, no qual vem a potencializar uma centralização do poder, devido à falta de atitude dos demais em conhecer, gerir, e se empenhar em desenvolver seu “papel”, chamando a responsabilidade para si, porque a retenção da igualdade tem em si as oportunidades e responsabilidades iguais a todos. Os cooperados devem ter em mente que são eles que constitui e dá a “vida” a esta cooperativa, mas não percebemos isso perante a fala de um cooperado: “não, só quem sabe de tudo aqui é o técnico e a presidente” (Membro da Cooperativa Recicla Jacobina C21, 2017). Enfim, para que aconteça a autogestão é necessário que todos sejam partícipes de tudo o que acontece a respeito da cooperativa,

A autogestão, prática da empresa solidária, é uma administração democrática que precisa ter todos os sócios informados do que ocorre na empresa e das alternativas disponíveis para a resolução de cada problema. O exercício de tal prática não é tão simples quanto parece à primeira vista porque exige um esforço adicional dos trabalhadores na empresa solidária, pois além de cumprir tarefas da produção é necessário que se preocupem também com a administração e, conseqüentemente, com os problemas gerais da empresa. Daí pode surgir o desinteresse dos sócios na recusa a este esforço adicional exigido pela prática democrática. (GODOY, 2005, p.15)

Há nessa cooperativa de catadores da cidade de Jacobina, a necessidade por parte de alguns, do reconhecimento a que sistema agora eles constituem, uma vez que a autogestão não acontecendo, é um dos empecilhos para que a emancipação dessas pessoas não ocorra,

A prática autogestionária possui potencial emancipatório: exige educação do associado, maior conhecimento sobre a empresa e até mesmo sobre a realidade do setor no qual está inserido e, por sua vez, sobre toda a organização da sociedade. (FERREIRA, 2013, p. 27).

Todavia, na cooperativa não há somente aqueles que dizem não ter responsabilidade sobre a administração, ao conversar com outros cooperados, eles afirmaram, “sim, aqui somos patrão e responsável pelo andamento da cooperativa, quando fazemos parte de uma cooperativa, todos tem o direito de opinar” (Membro

da Cooperativa Recicla Jacobina C11, 2017). É esse raciocínio que deveria permear o pensamento de todos que é membro dessa cooperativa, pois as questões sociais, econômica e políticas competem às pessoas que dá a existência a essa cooperativa solucionar conjuntamente. Pertencem a eles decidir e resolver a partir de uma participação política os problemas que transpassa essa entidade. Desta forma só haverá uma democracia autêntica se os seres humanos construir uma sociedade na qual as decisões políticas, econômicas e sociais sejam responsabilidades de todos e em benefício para todos.

### **3.4 A construção de um novo sentido ao lugar para os cooperados a partir da Cooperativa Recicla Jacobina**

Neste lugar, a partir da introdução da cooperativa, os cooperados puderam mudar a rota de suas histórias, na produção econômica, na ação política e na reprodução de suas vidas, agregando ao lugar um novo sentido devido às relações que ocorrem atualmente. Para Godoy, (2005), o lugar é a base material da reprodução da vida, onde se dão as relações dos indivíduos com os espaços pelos modos de uso. Ele é o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado pelo corpo. É no cotidiano que emerge a dimensão social da história e é no lugar que temos que analisar o modo como é produzida a existência social dos seres humanos. Destarte, é no lugar que se dar os modos de relações, cria-se nele apoiado a apropriação o sentimento de pertencimento. Enfim os cooperados da Cooperativa Recicla Jacobina vivenciam diariamente seus conflitos existenciais e de produção delineando a construção social do espaço que habitam, de acordo com Santos (2014e, p. 322), “no lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflitos são a base da vida comum”.

O lugar que agora os cooperados moldam sobre a base da constituição da cooperativa, trouxe a eles significativas alterações; pela questão da produção, sendo organizada sobre as políticas cooperativistas possibilitando-os de um poder de ascensão político-econômico cotidianamente, que pode ser atingido por todos, assim também disponibilizando a eles um caminho a ser percorrido pela união e solidariedade podendo alcançar um padrão social de bem-estar sobrevivendo a todos equitativamente que integra essa cooperativa. Desta forma Santos (2014d, p. 13) diz que “cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social:

a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesma”, desta maneira sobre cada temporalidade a um novo significado a ser dado ou construído pelos seres humanos atuantes em um determinado lugar.

Os catadores de material reciclável da cidade de Jacobina viram várias mudanças ocorrem sejam elas concretas ou abstratas, mais todos puderam ver e sentir a diferença que o cooperativismo faz na vida de um ser humano. Desta forma, o lugar e o indivíduo foram sendo transformado pelas necessidades humanas. O lugar transferindo ao homem suas imposições e o homem agindo sobre ele segundo suas necessidades de sobrevivência, assim “a história concreta de nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central” (SANTOS, 2014e, p. 315).

As relações estabelecidas entre o lugar e os cooperados tecem a construção social deste município nesta época em que decorre a construção social de suas histórias,

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido pelas relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que, é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. (CARLOS, 2007a,p.22).

Ao produzir sua vida a sociedade produz o lugar, entretanto o lugar não é um simples objeto que se torna apenas um receptáculo diante da construção da sociedade, é muito mais do que um cenário, ele é um dos protagonistas do enredo que ocorre na existência de todo os seres humanos. Na produção do trabalho e também na reprodução da história do indivíduo, o lugar ganha o seu sentido todo particular, resultando, pois isso no contorno da história de cada pessoa pela sua utilização e pela sua vivência cotidiana. No plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido, Carlos (2007b). Portanto, é através dessas relações, como um todo, que esses cooperados deram e dão ao lugar uma significação toda própria, pois o sentido do lugar se estabelece a partir das relações com o meio e com os outros indivíduos.

Desse jeito, tanto o lugar como a vida desses indivíduos, que fazem parte da cooperativa, sucedeu um metamorfesamento no decorrer do espaço-tempo. As condições sociais dessas pessoas são outras atualmente, moram em casas onde tem rede de esgoto, água encanada e energia elétrica tendo uma higienização muito melhor que antes, dispendo também de uma renda mensal capaz de sanar suas necessidades básicas. Cotidianamente os membros da cooperativa exercem uma interação social importantíssima com a sociedade, por meio da coleta seletiva na cidade. Em resultado desse contato direto/indireto e da comunicação que se estabelece resulta-se em um crescimento na parte política, econômica e social entre si e os demais que fazem parte dessas relações. Enfim, muitas dessas pessoas já não se sentem mais constrangidas em trabalhar com o lixo, em razão de que foi por meio de sua coleta através da cooperativa que veio a suceder as transformações socioeconômicas em suas vidas.

A história desses cooperados ganham seus contornos, através da dinamicidade do lugar, pois as relações com o meio implicam na construção de suas histórias, uma vez que, as influências que eles sofrem não é apenas local, sendo que a uma correlação contínuo com o mundo, pois,

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS,2014e, p. 322).

Nessa perspectiva entre essa inter-relação do lugar com o mundo se constroem as infinitas e distintas produções e reproduções da existência humana, a relação homem-mundo e habitante-lugar dar a concretude do desenvolvimento dos eventos no espaço, visto que,

A relação do homem com o mundo aponta para um duplo sentido: de um lado a produção da humanidade do homem, de outro, a reprodução ininterrupta do próprio mundo. Esse processo, que se desenvolve de modo contraditório, é apreendido no nível do imediato enquanto nível da realização do ser social que extrapola aquele do modo de produção e diz respeito à civilização de um modo geral. Nessa perspectiva, o cotidiano deve ser entendido na sua relação com a reprodução da vida em suas múltiplas dimensões o que acrescenta algo de novo na produção (do qual a produção do cotidiano é um exemplo). Assim, o processo de reprodução não passa apenas pela produção de coisas uma vez que ela a envolve e a ultrapassa, mas a produção revela um sentido mais profundo que é o da produção do ser humano no curso da história.(CARLOS, 2007b, p. 54).

No cotidiano do lugar se produz muito mais que a produção mercadológica, se produz a vida do ser humano em suas múltiplas dimensões tanto abstrata quanto concreta, porque, Bartoly (2011) ressalta que, o lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades globais que se introduzem no local, que dão sentido à própria distribuição objetiva das coisas e das pessoas nessa porção do espaço geográfico.

Destarte, os membros da Cooperativa Recicla Jacobina se apropriaram do lugar e nele agiu buscando solucionar seus problemas sociais, políticos e econômicos locais, transformando e sendo transformados constantemente, tendo a essa fração do espaço a atuação contínua do mundo influenciando direta e indiretamente em suas atitudes. Conforme Santos (2002), busca-se respostas locais para os problemas quotidianos provocados ou exacerbados pelas tendências macroeconômicas dominantes do mundo globalizado atual.

Este é um movimento extremamente disperso e diversificado, onde cada projeto e cada grupo local, procuram as soluções – em termos de organização, método e conteúdos – mais adequados ao seu contexto específico, bem como às capacidades, necessidades e expectativas das pessoas envolvidas. Desta forma, que cada lugar torna-se singular, pois os processos sociais que acontecem em um não são iguais ao do outro, ou a forma de buscar a solução se diferencia de cada grupo social. Desta maneira, a apropriação do lugar e a ação sobre ele deu-se de modo diferenciado pela atuação desses membros da cooperativa, pois eles atuaram sobre o lugar diferentemente de todas as outras pessoas que compõe a sociedade jacobinense.

Nesta dinamicidade e/ou na dinâmica local/global moldou-se e molda-se as relações dos seres humanos e a regularização e organização do mercado econômico. Deste modo, não se faz diferente nas experiências vividas por essas pessoas, porque mesmo o indivíduo vivendo em um local afastado de grandes cidades ou metrópoles, as quais apresentam altos desenvolvimentos tecnológicos, científico e informacional, experimenta em seu dia-a-dia constantes influências, em seu modo de se alimentar, de se vestir, de trabalhar e até mesmo de agir, por isso estamos em um época em que a universalização das coisas dominou globalmente a vida dos seres humanos.

A universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização relacional das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação. Universalização da cultura e dos modelos de vida social, universalização de uma racionalidade a serviço do capital erigida em moralidade igualmente universalizada, universalidade de uma ideologia mercantil concebida do exterior, universalização do espaço, universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total.(SANTOS,2014c, p. 18).

Portanto, o lugar sobre as influências dessa universalização e/ou globalização, interfere em todos os aspectos sociais, econômicos, culturais e político de qualquer ser humano, esteja onde ele estiver, pertença a qual for o sistema ou organização ele é influenciado e moldado segundo essa universalização. A sociedade em geral comporta em sua essência os efeitos dessa relação ínfima entre o global e o local. Desta maneira o lugar interfere na dinâmica político-econômica da Cooperativa Recicla Jacobina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no lugar que as coisas ganham sua concretude e seu formato todo especial e particular, pois é nele que se estabelecem a produção e a reprodução da vida de cada um dos homens.

Deste modo, decorrente desta pesquisa pode-se compreender a relação existente entre o lugar e a dinâmica político-econômica da Cooperativa Recicla Jacobina, pois mesmo a partir da alteridade com/no lugar, criou-se uma teia de relações que sustentam a vida, tanto do indivíduo, quanto do coletivo dos cooperados. A cooperativa ganha novos contornos através da dinamicidade do lugar, mas também alimenta e redefine o próprio sentido do lugar.

É de acordo com que lhe é disponibilizado e/ou ofertado em um dado lugar que a sua população constrói suas relações e também sua forma de produção, uma vez que, nessa universalização do mundo, o lugar apesar de conter a sua singularidade existentemente nas ações dos seres humanos que ocupam esse espaço, não deixa de ser rotineiramente persuadido por essa universalização, na qual influenciam as ações políticas, econômicas, sociais e culturais de quaisquer pessoas em qualquer lugar do/no mundo. Destarte, a Cooperativa Recicla Jacobina é instigada em sua formação político-econômica pelas inter-relações locais/globais, as quais atuam no lugar no modo de produção econômica e da reprodução da vida.

As ações existentes na Cooperativa Recicla Jacobina, como a coletividade e a solidariedade intervêm positivamente na ascensão político-econômica dos cooperados, uma vez que, apesar de tudo isso não são todos os princípios da economia solidária que regem legitimamente a cooperativa, havendo a deficiência em alguns setores de realmente exercerem cotidianamente os princípios que vinculam um legítimo empreendimento econômico solidário.

A Cooperativa Recicla Jacobina, instituída no município de Jacobina, surgiu com o intuito de sanar as necessidades de vivência e de trabalho de catadores que ficaram desamparados após o fechamento do lixão. Os seus princípios estão instituídos nas normas do cooperativismo e/ou da economia solidária, e sua atuação se baseia na coleta de materiais recicláveis no município de Jacobina. Em vista disso, vem proporcionando aos catadores novas experiências relacionadas a este lugar, possibilitando, principalmente, mudanças socioeconômicas em suas vidas.

Os catadores desta cooperativa, em sua produção econômica e também na reprodução de suas vidas debatem-se com constantes conflitos. Ao ato de produzir e viver desses catadores neste lugar passa por diversas ações/relações conflituosas, sejam elas endógenas, nos galpões, nos ecopontos e nas ruas da cidade fazendo a coleta, ou seja, exógenas, nas relações que eles mantêm com compradores e a sociedade em geral. O lugar proporciona diferentes experiências em suas constantes temporalidades, o produzir e o viver são constantemente persuadidos pelas ações universais do mundo, além das influências locais há também as mundiais, no processo da construção de suas histórias. Por conseguinte, as formas de regulação dessa cooperativa passa a ser de certo modo internamente ligada a economia solidária e externamente ao capitalismo, havendo assim essa ambiguidade neste sistema que regula esse tipo de produção.

Logo, em suas práticas a cooperativa como uma organização instituída pelas leis do cooperativismo, possibilitando aos seus cooperados uma emancipação político e econômico neste lugar, no entanto, faz parte dessa ascensão a ação conjunta com a autogestão, a qual temporariamente não é perceptível essa atuação nesta cooperativa.

Deste modo, percebe-se que com a mudança no espaço-tempo que se dá nos processos das relações sociais, econômicas, culturais e política, que se estabelece nessas temporalidades de cada lugar e na totalização das partes com o todo. Podendo desta maneira se investigar a conformação das redes nas escalas locais regionais resultantes da atuação da cooperativa, pois a uma articulação entre, o lixão, os ecopontos, o galpão, os consumidores e os compradores, bem como indivíduos que na condição de cooperados aglutinam forças através das redes.

Pode-se ainda estudar o sentido de introversão e extroversão dessas redes, ou seja, a relação entre territorialização e desterritorialização que elas fomentam. Consequentemente, haverá com o decorrer do tempo mudanças interessantes nesta cooperativa, as quais serão importantes de serem registradas em estudos científicos. Há também outra vertente a ser analisada a qual consiste em o que está sendo feito e o que pode ser realizado em prol da sensibilização da população para a efetivação da coleta seletiva em suas casas e a importância da universidade no auxílio aos catadores e na divulgação do seu trabalho.

Desta maneira, as questões relacionadas aos conflitos no ato de produzir e viver, sobre nas quais se desdobram entre economia solidária e capitalismo é um

fator complicado nessa forma de regulação de economia desta cooperativa, uma vez que, essa ambiguidade nessa relação de regulação da produção faz com que ocorram diversas modificações tanto na produção econômica como na vida dos indivíduos que compõem, dessa forma havendo a necessidade de um longo período de observância e análise sobre esse lócus no decorrer do tempo.

Portanto, através desta pesquisa pode se perceber a ascensão desses catadores como seres sociais, a emancipação econômica como também a melhora na forma de exercerem o trabalho, similarmente a produção, a qual vem evoluindo com o passar dos dias. Logo se percebe os efeitos das relações que a economia solidária, o cooperativismo e primordialmente o lugar influencia na construção social da vida de cada um desses catadores da Cooperativa Recicla Jacobina, pois é por meio deste lugar que eles têm a sua identidade perante o mundo, e é a partir do lugar que eles realizam suas conexões local/global, todas essas relações sociais que dão sentido e materialidade as suas vidas.

## Referências

- BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, Vol. 13, Nº 26, 2011. Disponível em:< <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/454/325>>. Acessado em: 12 de março de 2017.
- BARRETO, R. O.; PAULA, A. P. P. Os dilemas da economia solidária: um estudo acerca da dificuldade de inserção dos indivíduos na lógica cooperativista. **CADERNOS EBAPE**. BR, v. 7, nº 2, artigo 2, Rio de Janeiro, Jun. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n2/a03v7n2>>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.
- BORTOLI, M. A. Processos de organização de catadores de materiais recicláveis: lutas e conformações. **Revista Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 248-257, jul./dez. 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802013000200011/25770>> . Acessado em: 10 de março de 2017.
- BRASIL. **Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Política nacional de resíduos sólidos. – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 73 p. – (Série legislação ; n. 81). Disponível em: < [http://fld.com.br/catadores/pdf/politica\\_residuos\\_solidos.pdf](http://fld.com.br/catadores/pdf/politica_residuos_solidos.pdf) >. Acessado em: 19 de outubro de 2016.
- CANDEIAS, C. N. B. ; MACDONALD, J. B. ; MELO NETO, J. F. **Economia solidária e autogestão**: ponderações teóricas e achados empíricos. João Pessoa, abril de 2005, 183p.
- CARLOS, A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo:FFLCH, 2007a, 85p.
- \_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo:FFLCH, 2007b, 123p.
- COSTA, C. M.; PATO, C. A constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L.(Org.). **Catadores de materiais recicláveis**: um encontro nacional. – Rio de Janeiro : Ipea, 2016, 99 - 122p. Disponível em:< [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=27461](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27461) >. Acessado em: 07 de fevereiro de 2017.
- FERREIRA, T. D. **Cooperativismo como caminho viável para a emancipação do trabalhador?**. 2013. Dissertação (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, 2013. Disponível em:< <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97112/000919302.pdf;sequence=1> > . Acessado em: 10 de março de 2017.

FRANÇA FILHO, G. C. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 7 n. 1 jan.-jun. 2007 p. 155-174. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/2041/6910>> . Acessado em: 06 de fevereiro de 2017.

FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. Editora: Unijuí, 2012, 168p.

GAIGER, L. I. G. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul./dez. 2003. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18642/12016>>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2017.

GODOY, T. M. P. **O espaço da produção solidária dos catadores de materiais recicláveis**: usos e contradições. 2005. vi, 151 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/95610> >. Acessado em: 04 de março de 2017.

MALASSISE, R. L. S.; ALVES, R. Princípios cooperativistas: uma reflexão sobre oportunidades e desafios no contexto da economia solidária. **FACESI EM REVISTA** Ano 3 – Volume 3, N. 2 – 2011. Disponível em: 04 de fevereiro de 2017.

MALUF, C.; OSEKI, J. H. **Espaço, Tempo e Lugar**. Pós, n.23 - São Paulo, junho 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43554>>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2017.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital : rumo a uma teoria da transição**; tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. - 1.ed. revista. - São Paulo : Boitempo, 2011, 1096p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **SINIR**. Disponível em: < <http://sinir.gov.br/web/guest/logistica-reversa>>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupações. **5192 :: Trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável**. Disponível em: < <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf>>. Acessado em: 07 de março de 2017.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais**. Etc., espaço, tempo e crítica, N° 1(3), VOL. 1, 1° de junho de 2007. Disponível em: < [www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007\\_1\\_3.pdf](http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_1_3.pdf)> Acessado em: 13 de abril de 2017.

MOREIRA, E.V; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, n°14 volume 2 – 2007, p. 48-60. Disponível em: < [http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6\\_moreira\\_e\\_hespanhol.pdf](http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf) >. Acessado em: 02 de novembro de 2016.

NOVAES, F. A. M. Economia solidaria como estratégia para emancipação humana. **Revista de Ciências Gerenciais**. v.16, n.24, 2012, p.133-144. Disponível em: <file:///C:/Users/DAI%20E%20LEO/Downloads/1952-7495-1-PB%20(2).pdf> . Acessado em: 07 de março de 2017.

NUNES, D. **Incubação de empreendimentos de economia solidária**: uma aplicação da pedagogia da participação. São Paulo: Annablume, 2009, 350p.

OLIVEIRA, E. D. O cooperativismo popular como expressão da Economia solidária: conceitos e desafios. Geoinf: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 5, n. 1, p. 149-172, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/21402/11592>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2017.

Presidência da República. Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/L5764.htm> Acessado em: 19 de outubro de 2016.

SANTOS, B. S. (Org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, 514p.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed., 3. Reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, 96p.

\_\_\_\_\_. **Pobreza urbana**. Com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. 3ª ed., 1º reimp.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013a, p.134.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5ª ed., 1 reimp.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013b, 174p.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao Lugar**. 1 ed., 3. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014a, 176p.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7 ed., 2. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014b, 176p.

\_\_\_\_\_. **Metarmofose do espaço habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodologia da Geografia. Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. 6ª ed. 2. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014c, p.132.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 5 ed., 2. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014d, p.118.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed., 8. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014e, p.340.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.174.

SILVA, R. R. **A socioeconomia solidária em uberlândia (MG).** Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Geografia, 2010, 85p. Disponível em: <<http://www.lagea.ig.ufu.br/biblioteca/monografias/Monografia%20-%20Renata%20Rodrigues%20da%20Silva.pdf>>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2017.

SILVA, L. E. O sentido e significado sociológico de emancipação. **Revista e-Currículo**, Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP. São Paulo, n.11 v.03 set./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculo/article/view/8924>>. Acessado em: 08 de março de 2017.

SINGER, P. **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. 3.ed. - São Paulo : Contexto, 1999, 139p.

\_\_\_\_\_. **Introdução à economia solidária.** 1.ed. - São Paulo : Editora fundação perseu abramo, 2002, 126p.

VASCONCELOS, M. C. A. Cooperativismo e cotidiano - Um estudo da Cooperativa dos Agentes Autônomos de Reciclagem de Lixo de Aracaju – CARE. In: CANDEIAS, C. N. B. *et, al.* (Org.). **Economia solidária e autogestão:** Ponderações teóricas e achados empíricos. Disponível em: <[http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao\\_academica/livros/pa\\_l\\_economia\\_solidaria\\_e\\_autogestao.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_economia_solidaria_e_autogestao.pdf)> . Acessado em: 01 de fevereiro de 2017.

# APÊNDICES

## Entrevista com o Técnico

1) Historicidade da cooperativa:

- a) Surgimento
- b) Objetivos
- c) Composição
- d) Atuação
- e) Desafios

### Entrevistas com os remanescentes do lixão

Nome-

Idade-

Escolaridade-

- 1) Comente um pouco como foi essas mudanças para você, do lixão para a cooperativa.
- 2) O que aconteceu você vir trabalhar e viver no lixão?
- 3) Quando trabalhava no lixão como era:
  - a) A coleta
  - b) A vendagem
  - c) O relacionamento com os outros catadores
- 4) Quais as maiores dificuldades de trabalhar no lixão?
- 5) Como foi o entrosamento nos primeiros dias/mês da fundação da cooperativa?
- 6) Antes da cooperativa você já tinha conhecimento sobre o cooperativismo?
- 7) Diferenças:
  - a) Trabalhar no lixão
  - b) Trabalhar na cooperativa

**Obs: Apenas com catadores que trabalhavam no lixão e agora fazem parte da cooperativa.**

## Entrevista com a direção

Nome-

Idade-

Escolaridade-

- 1- Você é natural de Jacobina? O que achas da cidade?
- 2- Antes de trabalhar na cooperativa, você trabalhava aonde?
- 3- Como funciona a cooperativa?(da coleta até a vendagem)
- 4- Qual é a atuação de cada um, como é determinada?
- 5- Como você se envolveu com a cooperativa?
- 6- Quanto tempo você faz parte da cooperativa?
- 7- Quais os entraves que você identifica na atuação da cooperativa?
- 8- Como é a relação entre os cooperados?
- 9- Como é destinado os 20.000,00 recebido pela prefeitura?
- 10-Com relação às horas extras, como é dividido depois o dinheiro?
- 11-Com relação ao lugar, como você o ver para o trabalho que exercem?
- 12-Como vocês acham que a sociedade vê o trabalho de vocês?
- 13-O que representa ser um catador para você?
- 14-Já sofreram discriminação pelo trabalho que executa?
- 15-Deseja mudar de profissão?
- 16-Quais os problemas enfrentados na realização do trabalho?
- 17-Você toma algumas decisões só com a direção da cooperativa ou todas as decisões são tomadas com todos os cooperados?
- 18- Quanto tempo em média às pessoas fica aqui na cooperativa? A saída por quais motivos?
- 19- Para a empresa de George quais os materiais vendidos? E os demais quem compra? Algum material não é coletado devido não ter compradores?
- 20- O que você acha de fazer parte deste sistema? Você acha que na cooperativa essas normas do cooperativismo são respeitadas e praticadas por todos igualmente?
- 21- Com relação à economia solidaria que conhecimento vocês tem sobre esse assunto?
- 22- Você percebe cotidianamente os princípios da economia solidaria serem praticados pela cooperativa?

**Entrevistas com os cooperados 2016**

Nome-

Idade-

Escolaridade-

- 1- Você é natural de Jacobina?
- 2- Antes de trabalhar na cooperativa, você trabalhava aonde?
- 3- O que fez você a vir fazer parte da cooperativa?
- 4- Quanto tempo você faz parte da cooperativa?
- 5- Qual a renda mensal de vocês?
- 6- Qual a sua função na cooperativa? Quem determina?
- 7- Como é a jornada de trabalho?
- 8- Como é a relação entre os cooperados?
- 9- Com relação ao lugar, como você o ver para o trabalho que exercem?
- 10- Como vocês acham que a sociedade vê o trabalho de vocês?
- 11- O que representa ser um catador para vocês?
- 12- Já sofreram discriminação pelo trabalho que executa?
- 13- Deseja mudar de profissão?
- 14- Quais os problemas enfrentados na realização do trabalho?
- 15- Você participa de todas as reuniões e decisões tomadas pela cooperativa?
- 16- Como é trabalhar coletivamente em prol de uma renda final dividida igualmente?
- 17- O que você acha de fazer parte deste sistema? Você acha que na cooperativa essas normas do cooperativismo são respeitadas e praticadas por todos igualmente?
- 18- Com relação à economia solidaria que conhecimento vocês tem sobre esse assunto?
- 19- Você percebe cotidianamente os princípios da economia solidaria serem praticados pela cooperativa?

**Entrevistas com os cooperados 2017**

Nome-

Idade-

Escolaridade-

- 1- Você se sente como patrão nessa cooperativa? Você se acha responsável por ela?
- 2- O que você acha da gestão da cooperativa?
- 3- Você se sente bem em trabalhar nesta cooperativa?
- 4- Você tem conhecimento de tudo que acontece dentro da cooperativa?(seu funcionamento e sua gestão)
- 5- Você se sente livre para expressar sua opinião na cooperativa?
- 6- Vou acha que na cooperativa todos tem seus direitos e deveres cumpridos e respeitados?
- 7- Você participa de reuniões, manifestações ou qualquer outro ato político fora da cooperativa?
- 8- Como você avalia a cooperativa na sua questão de produção, administração (técnico) vendagem?
- 9- Economicamente, o dinheiro que vocês ganham na cooperativa dá para sanar as necessidades básicas do dia-a-dia?
- 10- O seu padrão econômico mudou depois da cooperativa?
- 11- Como você ver o lugar onde você vive e trabalha agora depois da cooperativa?
- 12- O lugar que se dar a partir da cooperativa é um lugar de libertação ou de opressão?